

2019

## Educação e expertise. A Sociologia Como “profissão” nos Estados Unidos

Stephen Turner

*University of South Florida*, [turner@usf.edu](mailto:turner@usf.edu)

Follow this and additional works at: [https://digitalcommons.usf.edu/phi\\_facpub](https://digitalcommons.usf.edu/phi_facpub)

 Part of the [Philosophy Commons](#)

---

### Scholar Commons Citation

Turner, Stephen, "Educação e expertise. A Sociologia Como “profissão” nos Estados Unidos" (2019). *Philosophy Faculty Publications*. 332.

[https://digitalcommons.usf.edu/phi\\_facpub/332](https://digitalcommons.usf.edu/phi_facpub/332)

This Article is brought to you for free and open access by the Philosophy at Digital Commons @ University of South Florida. It has been accepted for inclusion in Philosophy Faculty Publications by an authorized administrator of Digital Commons @ University of South Florida. For more information, please contact [scholarcommons@usf.edu](mailto:scholarcommons@usf.edu).

# Educação e expertise. A sociologia como “profissão” nos Estados Unidos<sup>12</sup>

**William Buxton<sup>3</sup>**  
**Stephen Turner<sup>4</sup>**

## Nota de Stephen Turner para a presente tradução

*No início dos anos 1990, quando esse artigo foi escrito, a sociologia estadunidense atravessava um período de crise. Uma crise que, como todas as crises, era difícil de ser entendida por seus contemporâneos. A quantidade de matrículas tinha caído dramaticamente, e o número de egressos da graduação não chegava a representar um quarto do pico registrado duas décadas antes. A sociologia tinha feito importantes incursões nas agências de financiamento governamentais nos anos 1960, especialmente nas áreas da saúde e da saúde mental. Também tinha presença nas faculdades de medicina. Aqueles êxitos, contudo, estavam agora se perdendo na medida em que os enfoques biológicos ganhavam destaque. Nos anos 1960, os sociólogos eram levados a sério pelo público mais amplo; mas, no período da escrita desse artigo, eles eram crescentemente dispensados: o sentimento de que a sociologia estava antiquada tornou-se parte da consciência pública. Havia, por outro lado, a percepção de uma crise interna tal como pode ser registrado em alguns livros do momento como aquele de Stephen Cole (2001) ou de Irving Horowitz (1993). Nesse marco, a ideia da sociologia como uma “ciência” estava também sendo abandonada silenciosamente. O livro que eu tinha publicado em 1990 junto a Jonathan*

1 Publicado originalmente em: Terence Halliday e Morris Janowitz (Ed.). *Sociology and its Publics. The Forms and Fates of Disciplinary Organizations*. Chicago, University of Chicago Press, 1992. p. 373-407. Agradecemos à autorização da University of Chicago Press para a publicação da tradução ao Português.

2 Tradução de Juan Pedro Blois. Agradeço a leitura de Ana Beraldo de Carvalho e Luna Campos.

3 William Buxton é professor do Departamento de Estudos da Comunicação da Concordia University.

4 Stephen Turner é professor do Departamento de Filosofia da University of South Florida.



**Direito autoral e licença de uso:** Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

Turner, “*The Impossible Science*”, parece em retrospectiva uma obra sobre a ascensão e a posterior caída da ideia da sociologia como uma ciência. Naquela época ele foi, de fato, lido como parte da literatura da “crise”.

O livro no qual o artigo aqui traduzido foi originalmente publicado foi o produto de uma conferência que procurou enfrentar um dos aspectos mais significativos daquela crise: o problema da relação da sociologia com os seus públicos. Eu não pude assistir à conferência devido a um problema de agenda, mas Bill Buxton, o coautor, participou. Nosso paper se propôs a delinear a história da mudança principal na relação da sociologia com seus públicos que, segundo o nosso olhar, tinha passado de um modelo no qual os sociólogos se dirigiam diretamente à população a um modelo onde eles se ofereciam como especialistas que deveriam aconselhar e orientar as profissões. O paradigma daquela visão do papel da sociologia era oferecido pela participação e assessoramento que os sociólogos estavam oferecendo na pesquisa e no treinamento dos médicos. Nesse marco, nós nos focamos em duas figuras-chave, que expressavam ambos os momentos da transição: Charles Ellwood e Talcott Parsons. Parsons tinha sido o teórico de um novo modelo de profissionalização e um ativo promotor da reforma da disciplina. Ellwood, por sua vez, tinha sido um autor muito bem-sucedido, com livros que eram muito bem recebidos pelo público geral. Seu livro didático [textbook] sobre os problemas sociais (ELLWOOD, 1910) tinha definido o campo, e tinha sido massivamente vendido no período anterior à Segunda Guerra Mundial. Em grande medida, Ellwood seguiu o modelo do seu professor Albion Small, que entendia que a tarefa da sociologia consistia na clarificação e articulação das preocupações da população ou público geral.

O período crítico foi eventualmente superado; mas seus efeitos podem se ver ainda nos debates mais recentes sobre a redefinição [respecification] do papel da sociologia tal como aparece no conceito de “sociologia pública” de Michael Burawoy ([2004] 2006). Esse foi um dos legados da crise. Outro legado foi uma mudança na estrutura mesma da disciplina. Desde aquele momento, com efeito, a sociologia precisou se preocupar muito mais ativamente em ser mais atrativa para os estudantes; e o atrativo passou pela massiva acolhida do “engajamento” e da defesa de várias causas sociais, especialmente a feminista, mas também a racial com a preocupação pela interseccionalidade. Nesse contexto, boa parte da sociologia passou a ser indistinguível dos estudos da mulher, da teoria crítica sobre questões raciais, ou do chamado movimento decolonial.

*A identificação foi tanta que alguns departamentos, inclusive, passaram a se identificar explicitamente com o valor da “Justiça Social”, incorporando-o como parte dos seus princípios declarados, como pode ser ver, por exemplo, nos seus sítios web. Isso levou a um aumento parcial das matrículas, mas também a uma abertura para qualquer tema ou enfoque que parecia aumentar o número de estudantes. Contudo, o modelo do sociólogo profissional tal como tinha sido promovido por Parsons não foi completamente abandonado: os sociólogos ainda continuaram a encontrar emprego em faculdades voltadas para o mercado de trabalho e a fazer pesquisa a serviço de profissões como medicina, direito, administração de empresas e, por vezes, engenharia. Participaram também de estudos vinculados a políticas públicas.*

*A sociologia estadunidense esteve sempre em luta. Primariamente, essa luta esteve voltada a fazê-la mais científica e, com isso, mais respeitável enquanto empreendimento intelectual. Aquela foi de fato a história contada em “The Impossible Science”. O resultado da crise foi uma trégua, que tomou essa forma: enquanto a maquinaria da American Sociological Association foi crescentemente dominada pelas mulheres e as minorias, as universidades de elite ficaram parcialmente por fora dessa tendência, embora estas precisaram se abrir aos métodos não quantitativos. Em termos mais gerais, a disciplina tornou-se ideologicamente mais monolítica, identificando-se com a esquerda. O modelo de Burawoy do sociólogo público como defensor dos movimentos sociais foi nesse contexto valorizado, embora o impacto real desse tipo de sociólogos tenha sido limitado: a influência pública dos anos 1960 nunca foi recuperada. Atualmente, o campo tem superado a crise. Mas as grandes esperanças do passado, que estivessem vinculadas com a profissionalização, o impacto no espaço público ou a consolidação como uma ciência, não foram concretizadas. Outras disciplinas, principalmente economia e mais recentemente as ciências cognitivas, têm assumido o controle daquilo que no passado foi parte central dos temas dos sociólogos.*

*Sem dúvidas, a aliança com a justiça social e o ativismo representa uma volta à antiga confusão, ou falta de distinção, entre a sociologia e a vocação pela reforma social. Esse foi precisamente o tema de meu pequeno livro “American Sociology from Pre-disciplinary to Post-normal” (TURNER, 2014a). Aquilo que originariamente diferenciou a sociologia da reforma (ou assistência) social foi o desejo de ser “científica”, seja qual for o sentido que esse termo podia ter*

*para os diferentes sociólogos. O enfraquecimento desse desejo, é interessante destacar, tem levado a uma revisão da própria história da sociologia. Nas versões mais recentes, um acadêmico militante como W. E. B. Du Bois, que formou parte do mundo pré-disciplinário, ou uma pensadora reformista como Jane Addams, que não estava interessada em promover uma “ciência” sociológica, são agora localizados dentro do cânon sociológico.*

*Em algum sentido, o artigo que aqui publicamos se ocupa de um problema perene, constitutivo da disciplina, que os sociólogos, em todo tempo e lugar, devem enfrentar: o problema da relação entre a sociologia como um empreendimento intelectual rigoroso e a sociologia como uma servidora do estado, do público mais geral, ou de outras audiências, como os estudantes. Tem havido muitas soluções para esse problema. Mas aquela do Parsons foi a mais ambiciosa na medida em que procurou assegurar para a sociologia uma posição de superioridade em relação às outras profissões. A solução do Ellwood, por sua vez, foi uma das mais bem-sucedidas, ao menos no plano pessoal, já que ele conseguiu alcançar uma ampla audiência. Dissemos que esse problema é um problema perene porque sempre é preciso que alguém pague pela sociologia; e esse financiamento, é claro, depende das relações que os sociólogos podem construir com as suas audiências e do valor que a disciplina pode lhes oferecer. Na medida em que essas relações não são estáveis, a luta continuará.*

*Tampa, dezembro de 2018.*

## **Introdução**

Os primeiros expoentes da “sociologia” nos Estados Unidos usavam o termo sociologia para se referir ao “conhecimento sistemático da sociedade” e ao mesmo tempo aos “conhecimentos sistemáticos a serem ensinados para o público mais amplo em favor da reforma social”. Foi apenas nos anos 1890 que eles sentiram a necessidade de estabelecer uma distinção entre ambos os sentidos do termo. O primeiro grande corpo de pesquisa empírica sobre temas “sociológicos” foi, de fato, desenvolvido pelas agências de estatísticas do trabalho, criadas pelo Estado para coletar dados e opiniões sobre assuntos relacionados com a vida das classes operárias. Essa pesquisa tinha sido especificamente concebida como um instrumento de

reforma social: as agências eram uma concessão política ao trabalho, e a maioria das suas pesquisas, que incluíram os primeiros estudos de grande escala com questionários voluntários nos Estados Unidos, foi projetada para demonstrar a validade fática dos argumentos em prol da reforma promovidos pelo movimento operário, e para divulgá-los de maneira mais ampla. Os defensores da “ciência social”, que formaram a *American Social Science Association*, acreditavam que o seu ensino era o objetivo principal dessa ciência, mas também o principal meio da reforma<sup>5</sup>. O fundador da sociologia estadunidense, Lester F. Ward, escreveu seu tratado sistemático como uma demonstração da possibilidade de construir uma doutrina reformista científica que, acessível, poderia ser ensinada a um público amplo (FOSKETT, 1949).

Curiosamente, hoje essas concepções se apresentam invertidas: para nós, a “sociologia” é um corpo de conhecimentos que, secundariamente é ensinado; para os pioneiros, pelo contrário, era um ensino focado em um público mais amplo que, incidentalmente, constituía também um corpo de conhecimentos. Eles acreditavam que esse corpo de conhecimentos era “científico”, mas eles não tinham em mente nenhuma teoria da ciência específica. Das vezes que, por exemplo, Ward discute o tema do status epistemológico da ciência social, ele somente se refere à diferença entre o racional e o religioso ou tradicional; ou, mais simplesmente, o contraste entre o consciente, ou o pensado, com o não refletido ou o embasado em preconceitos.

Nesse artigo, nos propomos a analisar a transformação daquela ideia e as suas variações até a concepção atual da sociologia contida em frases do tipo “ciência das políticas” [*policy science*] e “uso do conhecimento”. A transição levou muitos anos, e os vestígios do modelo antigo estiveram presentes na sociologia (mais ainda na sua imagem pública) nos primórdios do período do pós- Segunda Guerra Mundial. Para isso, nós nos focaremos no estudo da tentativa, durante os primeiros anos do pós-Segunda Guerra, de construir um novo modelo conceitual do lugar da sociologia em

5 L. L. Bernard e Jessie Bernard ([1943] 1965, p. 545-607) oferecem a discussão clássica sobre o modelo de uma sociologia voltada à educação do público e seus conflitos internos na *American Social Science Association*.

relação ao Estado e à esfera pública<sup>6</sup>. Pretendemos analisar detalhadamente tanto a concepção de Talcott Parsons da sociologia como uma “profissão” como o contexto de Harvard onde ela foi idealizada – trata-se de uma concepção que assedia como um fantasma a sociologia atual, que tem falido grandemente em se converter em uma profissão legítima e perdido, no caminho, a maioria das suas antigas audiências. Seria possível focar esse tema como uma história de ideais, de ideias não realizadas, porque a maior parte do pensamento que procurou um novo papel para a sociologia não se atualizou, ou se atualizou apenas de modo muito parcial. O modelo provou ser muito mais difícil de institucionalizar e financiar do que os seus defensores esperavam. De todo modo, o modelo de Parsons teve alguns êxitos organizativos interessantes, e ganhou um apoio significativo das fundações privadas que apoiavam as ciências sociais. Mais ainda, o modelo foi um elemento essencial na proposta mais ampla da sociologia que emergia do revelador relatório de Parsons sobre a profissão sociológica de 1959, às vésperas da grande expansão da sociologia. Contudo, o sucesso foi passageiro. Para entender a razão disso, é preciso compreender as fraquezas que o modelo apresentava desde o começo, mas também os problemas que o modelo inicialmente conseguiu resolver.

## Uma sociologia edificante: a primeira sociologia estadunidense e suas audiências

O antigo modelo de sociologia promovia carreiras por meio das quais as tarefas de educação [*edification*] iam de mãos dadas com os meios que facilitavam a divulgação dos resultados das pesquisas, os recursos que as apoiavam financeiramente e a teoria de educabilidade. As carreiras são

---

6 Parsons, tanto como alguns outros sociólogos do momento, procuraram integrar a sua particular concepção do papel social do “homem do conhecimento” – para usar a frase do livro de Znaniecki sobre o tema (1965 [1940]) – com a sua concepção mais geral da sociedade moderna. A reflexividade daquelas concepções é talvez a característica mais lograda daqueles trabalhos. Resulta curioso lembrar que alguns estudos posteriores, como *The Coming Crises of Western Sociology* de Alvin Gouldner (1970), têm se concentrado nas supostas funções “legitimadoras” dessas teorias sociológicas em relação ao público mais amplo, já que parece razoável afirmar que foi precisamente aquele tipo de audiência que Parsons e outros como ele recusaram. Nesse texto, o nosso objetivo será examinar as novas audiências com as quais eles procuraram substituir o público tradicional da sociologia, mais amplo e geral, e as tarefas que associavam com a disciplina para conseguir a sua “legitimação” social.

ilustrativas. Ward, por exemplo, era um cientista do governo, o protegido de um dos mais importantes talentos na história da ciência, John Wesley Powell, cuja conquista mais importante foi a organização de um serviço de geologia útil e popular em termos políticos (TURNER, 1987). Ward começou sua carreira como um educador reformista trabalhando como editor do *The Iconoclast*. Se bem Ward tinha problemas para achar um público, seus textos eram lidos nos grupos reformistas. Além disso, ele formava parte de um pequeno círculo de cientistas do governo em Washington que orientava seus esforços para o público e os usos públicos da ciência em detrimento do desenvolvimento da ciência acadêmica ou do progresso das disciplinas. Franklin H. Giddings, um dos integrantes da próxima geração de sociólogos e filho de um ministro congregacional, trabalhou como jornalista antes que seus escritos sobre economia na imprensa e seu trabalho para o Massachusetts Bureau of Labor Statistics e o *Cooperative Movement* levassem ele para uma posição acadêmica. Contudo, ao longo de toda sua vida como acadêmico, Giddings continuou produzindo muitos editoriais para o *Independent* como jornalista, vários dos quais são pequenas joias de raciocínio sociológico. Ele também trabalhou em conselhos de administração [*boards*] dos *settlement houses*<sup>7</sup> e outras agências, palestrou em reuniões públicas em Nova York, e, durante a Primeira Guerra Mundial, serviu como propagandista dando conferências no sul do país. Giddings teve inclusive uma carreira política, servindo no *New York School Board*<sup>8</sup>, tendo ainda nutrido expectativas de virar prefeito. E. A. Ross (1924), outro dos fundadores da *American Sociological Society*, escreveu quase exclusivamente para “audiências amplas”. Um dos primeiros doutores em Sociologia de Chicago, Charles A. Ellwood, começou a se interessar pelas ciências sociais depois de ter lido um livro de R. T. Ely dedicado à popularização da economia política. Ao longo da sua vida, Ellwood teve muito sucesso como oponente do fundamentalismo religioso,

7 Nota do tradutor: As settlement houses eram parte de um movimento que procurava melhorar as condições de vida em bairros pobres no contexto do crescimento demográfico originado pela imigração nos finais do século XIX nas grandes cidades estadunidenses. As casas eram promovidas e financiadas por indivíduos da classe média, especialmente mulheres, que decidiam instalar-se nas zonas desfavorecidas para prover serviços de saúde, cuidado das crianças, aulas de inglês (já que muitos dos usuários eram migrantes recentes), entre outras atividades.

8 Nota do tradutor: Instituição criada em 1942 dedicada à gestão das escolas públicas.

inclusive com ministros protestantes. Seus livros foram reiteradamente eleitos “livro do mês” nas seleções realizadas por importantes clubes de leitura<sup>9</sup>, e vários deles foram traduzidos em muitas línguas (1923a, 1923b, 1929, 1938)<sup>10</sup>.

Em cada um desses casos, os escritores estavam amarrados ao público não acadêmico de maneira muito direta e crucial. A característica comum é a seguinte: a maioria ou todo o apoio financeiro para as suas atividades provinha dos públicos que consumiam diretamente essas atividades. Eram os cidadãos reformistas que iam às palestras e às aulas e os que compravam os livros escritos pelos sociólogos. O mercado dos livros didáticos utilizados nas universidades somente emergiu nos anos 1920. Antes disso, a única forma para escritores como Giddings, Ross ou Ellwood serem publicados era dirigindo-se a um público não acadêmico. Semelhante relação, de estreita dependência com a suas audiências, era claramente compreendida e aceita pelos primeiros sociólogos. Na nota editorial do primeiro volume da *American Journal of Sociology* (AJS), Albion Small descreveu a demanda da sociologia e os propósitos que devia servir em termos que vinham de Ely, seu mentor. Uma “consciência social não disciplinada”, articulada em “filosofias espontâneas sobre a associação humana”, tinha sido produzida pelo público mais amplo no contexto da crescente interação social do momento (SMALL, 1895, p. 2). Concomitantemente, um “movimento” social, contrapartida dessas filosofias, tinha também emergido “impulsionado pela reflexão sobre as condições sociais contemporâneas” (SMALL, 1895, p. 2). Tais “[...] tentativas espontâneas para explicar as formas atuais da sociedade, mas também para se posicionar favoravelmente para promover mudanças nas condições sociais” (SMALL, 1895, p. 2), eram as fontes primárias e contínuas da sociologia, não as “universidades”. O pensamento espontâneo sobre a sociedade produzido pela pressão das cambiantes condições sociais gera então para o sociólogo acadêmico “uma exigente demanda por uma autêntica filosofia social”, “um chamado a um serviço especial” (SMALL, 1895, p. 2).

9 Nota do tradutor: Os clubes de leitura eram organizações privadas que vendiam livros a partir de subscrições. A inclusão de um título nas suas listas implicava em um sucesso de vendas.

10 Nota do tradutor: sobre Ellwood, ver Turner, 2007.

O sociólogo que imagina que ele e os seus colaboradores estão inventando o objeto de uma nova ciência é muito ingênuo: eles estão somente tentando aprimorar os meios para responder as inevitáveis perguntas que o homem comum está permanentemente colocando. Com efeito, eles não estão criando a curiosidade popular; eles somente estão representando ela. A vida é tanto mais real para as pessoas ordinárias, que no momento em que as pessoas têm algumas ferramentas do pensamento e alguns meios de observação, elas começam a afrontar questões muito mais vitais daquelas que os acadêmicos tinham colocado no primeiro momento. Conseqüentemente, as filosofias sociais, surgidas de fontes espontâneas, parciais no seu conteúdo mas potentes no seu impacto político, ganham presença antes que os acadêmicos conheçam sequer as condições que as filosofias práticas [*rule of thumb philosophies*] procuram explicar. As doutrinas dos sociólogos profissionais são tentativas que propõem um pensamento secundário e revisado para substituir os pensamentos primeiros e apressados que formam as sociologias espontâneas utilizadas pelo homem comum para expressar as suas impressões. (SMALL, 1895, p. 6).

Recapitulando, a relação entre a sociologia e seu público vinha sendo definida antes de tudo pelas ações e necessidades intelectuais do público. Mais ainda, o veredito dos homens práticos sobre o valor daquele “segundo pensamento revisado” era a fonte de “autoridade” última no sentido que verdadeiramente importava: o sentido de ter o poder para produzir efeitos práticos na ação social. Para manter semelhante poder, a sociologia necessitava manter o interesse daquele público falando a sua linguagem e, claro, dando respostas aos problemas articulados primeiramente por essa audiência<sup>11</sup>. A forma de financiar as “pesquisas empíricas” da primeira sociologia é uma mostra daquela concepção. No caso do *survey movement*<sup>12</sup> e das pesquisas rurais realizadas pelos sociólogos inseridos nas universidades públicas, o trabalho se desenvolvia majoritariamente através da doação de

11 *A revista American Journal of Sociology foi, de fato, concebida como um meio para responder àquele chamado através de um trabalho de síntese. Ela também tentaria “traduzir a sociologia na língua da vida cotidiana. O caráter científico ou técnico do pensamento [afirmava Small] não deve levar necessariamente à formulação de princípios abstratos. Pelo contrário, o objetivo da ciência deve ser mostrar o significado das coisas familiares; e não construir um reino fechado para si mesmo, onde, se as coisas familiares são admitidas, acabam sendo obscurecidas por um disfarce de expressões artificiais. Se a sociologia pretende ter alguma influência entre os homens que atuam no mundo, ela deve ser capaz de destinar sua atividade e sabedoria às coisas que lhes interessam, de uma forma que possa parecer real para eles. Pelo geral, essa forma será aquela dos homens de ação e não dos homens teóricos. Os homens que atuam no mundo são os sociólogos mais autorizados” (SMALL, 1895, p. 13-14).*

12 *Nota do tradutor: O survey movement foi um movimento que procurava gerar informação sobre as comunidades, mobilizando seus integrantes, em particular aqueles com formação escolar, em prol de visualizar as problemáticas sociais e promover reformas sociais. A respeito do assunto, ver Turner, 2014b.*

tempo e dinheiro das pessoas da comunidade na qual as pesquisas eram feitas, uma vez que as pessoas que participavam no *survey*, como pesquisadores e entrevistados, eram a principal audiência interessada nos resultados da pesquisa. Por isso, a criação de exposições adequadas e o recrutamento de profissionais locais competentes não apenas para ajudar no *survey* mas também para aconselhar sobre os temas mais úteis ou significativos a serem pesquisados eram traços fundamentais do *survey movement*.

A ideia de uma enquete comunitária aparece como uma atividade no livro didático de Chautauqua *An Introduction to the Study of Society* de Albion Small e George Vincent, de 1894. O objetivo de um estudo dessas características era fazer com que os membros da comunidade conhecessem mais sobre o caráter das suas relações sociais. Na sociologia rural isso era desenvolvido de formas especiais, que incluíam, por exemplo, a ajuda voluntária das crianças nas escolas. Nesse caso, as crianças deveriam produzir um mapa que seria posteriormente apresentado na feira do condado, onde visualizariam os limites entre a cidade e o campo. Essa era precisamente a lição que os sociólogos rurais desejavam transmitir para aprimorar a vida rural através da “socialização” – quer dizer, através da inserção na vida social da comunidade – do fazendeiro “primitivo” [hoe-farmer] pobre e a sua família (GALPIN, 1920, p. 315-355).

Mas a pesquisa desse tipo tinha frequentemente também outras fontes de financiamento. *The Polish Peasant*, por exemplo, foi financiado por Ethel Dummer, que era uma mulher reformista preocupada em divulgar os problemas dos migrantes polacos. Nesse contexto, a *Russell Sage Foundation* contribuiu grandemente com as pesquisas comunitárias. Mas esses eram casos onde a audiência da pesquisa e os seus patrocinadores econômicos se sobrepunham. A Sra. Dummer, o anjo da guarda do W. I. Thomas, era uma pessoa igual a aquelas que, segundo ela, deviam ser ilustradas pelos livros sobre a questão da migração polaca. Para ela, um dos meios necessários para promover a reforma era “definir a situação” e conhecê-la, um meio mais eficiente que a caridade tradicional que, ao menos naquele caso, tinha se provado inadequada<sup>13</sup>. As lideranças da *Russell Sage* eram integradas

<sup>13</sup> Durante os anos 1920, a Sra. Dummer, uma filantropa de Chicago, também apoiou a pesquisa de Thomas sobre a “unadjusted girl” e as atividades da American Sociological Society.

por líderes cívicos reformistas que pertenciam à camada social mais alta, o tipo de pessoa que a pesquisa comunitária, como aquela de Pittsburg<sup>14</sup>, buscava atrair e mobilizar para a ação social. A realização dessas pesquisas se baseava na participação dos membros das classes profissionais e no seu conhecimento local. Previa-se que, diante dos resultados, essas pessoas acabariam apoiando as reformas sugeridas pelas pesquisas. Os departamentos de estatísticas de trabalho de nível estadual, verdadeiros precursores do *social survey movement*, ofereciam, por exemplo, material e informação às lideranças operárias e audiências reformistas; reciprocamente, esses grupos os apoiavam nos legislativos estaduais.

Naturalmente, aquelas relações não se davam sem restrições ou problemas, sendo alguns difíceis de superar. Nem sempre os sociólogos achavam uma audiência suficiente para seu trabalho, o que limitava as chances de viver da sociologia. Ward, por exemplo, trabalhou na área da paleobotânica mesmo depois de se aposentar do *Geological Survey*. Os livros de Thorstein Veblen foram publicados seguindo uma modalidade na qual o autor garantia um mínimo de vendas: somente um dos seus livros atingiu esse mínimo. Dado o nível salarial de um acadêmico nessa época, os obstáculos na hora de publicar eram significativos. Contudo, escrever livros didáticos era uma empresa viável em termos econômicos. E, de fato, durante os anos 1920 e 1930 esse foi o principal tipo de publicação entre os sociólogos. Contudo, mesmo quando os estudantes constituíam um público cativo para aqueles textos, esse expediente não carecia de restrições; principalmente, as restrições originadas nas demandas das audiências profissionais que decidiam sobre quais livros didáticos usar, escolhas que, por sua vez, estavam condicionadas pelas considerações sobre o que podia ser bem acolhido nesse mercado.

As restrições afetavam seriamente os cientistas sociais e muitos deles não se curvavam diante delas tão alegremente como Small anteriormente. As razões para isso não são difíceis de descobrir. O ideal da sociologia como uma ciência pura já tinha ingressado na autopercepção de sociólogos como Giddings e seus estudantes. Ainda que eles não tivessem abandonado

---

14 Nota do tradutor: A respeito disso, ver Turner, 2014b.

os públicos e tarefas tradicionais (sendo em muitos casos, como aquele de Howard Odum, muito eficientes na hora de lidar com um público mais amplo), reivindicavam uma separação cada vez mais marcada entre o conhecimento científico (que para eles era conhecimento quantitativo) e as outras formas de escritura. O relatório da *American Political Science Association*, que levou à criação do *Social Science Research Council (SSRC)*, tinha listado cinco necessidades dos cientistas sociais: tempo para pesquisar, apoio administrativo da pesquisa, fundos para “trabalho de campo”, “provisão adequada [...] para a publicação dos resultados de um tipo de pesquisa científica que não tem valor comercial imediato” (ou seja, subsídios para publicar), e a educação das autoridades universitárias e o público em geral nas “necessidades da ciência política” (SOCIAL SCIENCE RESEARCH COUNCIL, 1933, p. 1). A partir desse momento, a sociologia foi crescentemente dominada por pesquisadores que tinham seus trabalhos de pesquisa e publicações substantivamente subsidiados, sendo assim cada vez mais liberados das demandas das audiências reformistas.

Aquela novidade gerou uma divisão social profunda entre os sociólogos no final dos anos 1920 e começo de 1930. Muitos conseguiram manter uma audiência ampla. Charles Ellwood, Pitirim Sorokin e Harry Elmer Barnes eram, para usar o termo do Jacoby (1987), reconhecidos “intelectuais públicos” – sendo tão ou mais bem-sucedidos nesse mérito que o seu exemplo favorito, C. Wright Mills. Apesar disso, eles perderam na luta pela profissão. Os sociólogos que eram subsidiados e que escreviam principalmente para a audiência restrita, oferecida pelos próprios pares, acabaram dominando a sociologia profissional, ao passo que os intelectuais públicos, incluindo os três mencionados, morreram como exilados da profissão. Contudo, eles conseguiram enxergar que a libertação das restrições próprias das relações de velho tipo com os públicos mais amplos não se dava sem um elevado preço intelectual e moral, um preço que eles não estavam dispostos a pagar: a dependência das fundações e das redes de favores e informações que permitiam obter os subsídios<sup>15</sup>.

15 Barnes deixou o mundo acadêmico e, além da sua atividade como colunista de jornal (que se prolongou até ser despedido pelas suas críticas ao engajamento dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial), viveu da venda de livros que ele conseguia escrever sobre vários temas e com bom ritmo. Por sua vez, Ellwood escreveu uma série de artigos denunciando a versão da sociologia financiada pelo SSRC como uma “sociologia

## A era Rockefeller

A imagem tradicional da história da sociologia estadunidense trata as transformações nas audiências como incidentes menores na sequência histórica que levou à “profissionalização” da disciplina. Nessa história, os sociólogos que perderam são estigmatizados por sua falta de profissionalização. A imagem é enganosa, especialmente no que tange às lições que o passado oferece para os dilemas que a sociologia acadêmica enfrenta atualmente. As continuidades da era edificante com o presente são importantes. A chegada às audiências mais amplas foi, com efeito, uma preocupação significativa para muitos sociólogos até bem depois de começado o período do pós-guerra. Os autores que estiveram envolvidos com organizações como o *Social Science Research Council*, criado em 1923<sup>16</sup>, em sua primeira década não abandonaram aquela vocação totalmente, como os esforços que prepararam trabalhos como o *Recent Social Trends*<sup>17</sup> atestam. Duas das mais importantes ideias “edificantes” [*edifying*] (a pesquisa social como um espelho para a sociedade<sup>18</sup> e a necessidade de substituir as formas

---

castrada” [“emasculated sociology”] (ELLWOOD, 1933). Também escreveu um livro que atacava os pressupostos filosóficos da sociologia quantitativa. Essas iniciativas procuravam recuperar a sociologia educadora ou edificante inspirada em Ward, diante do crescente predomínio da sociologia promovida pelo SSRC. Seu livro *History of Social Philosophy* (1938), que atingiu um público muito amplo, concluía com uma discussão sobre os contrastes subjacentes entre as visões de Ward e Sumner no que tange às possibilidades do “progresso planejado” [social telestis]. Finalmente, Sorokin, que se dava bem com Ellwood, também publicou com muito sucesso através de editoras não acadêmicas para o público não especializado. Suas relações conflituosas com seus pares acadêmicos são muito conhecidas.

16 Nota do tradutor: O SSRC foi criado como uma organização que buscava promover a pesquisa empírica em diversas disciplinas das ciências sociais em prol da formação de conhecimentos a serviço da reforma social e dos policymakers. Seu apoio vinha das fundações privadas dedicadas à “filantropia científica”.

17 Nota do tradutor: Logo depois de assumir a presidência em 1929, Hervert Hoover criou uma comissão que devia assessorar a presidência a partir de estudos sistemáticos sobre as tendências sociais em áreas como economia, trabalho, administração pública, educação, religião e família. A comissão estava formada por um economista, um cientista político e um sociólogo. Esse último, William F. Ogburn, foi o encarregado de coordenar as pesquisas que desaguarão no célebre relatório publicado em 1933 com prólogo do presidente.

18 A ideia da pesquisa sociológica como um espelho da sociedade que devia contribuir para a sua educação não desapareceu nos anos vinte. A obra *Recent Social Trends in the United States* (1933) de Ogburn é um exemplo daquele gênero em um escala nacional, como na década seguinte seria o *An American Dilemma*, de Myrdal (1944). Porém, a partir da influência do SSRC, é possível identificar mudanças nas audiências procuradas pela escrita sociológica. Algumas mudanças, é verdade, eram consequências diretas dos desenvolvimentos que se davam nas metodologias. As teses de F. A. Ross sobre escolarização (1924), ou de T. J. Woofter Jr. sobre a migração dos negros (1920), usavam correlações multivariadas e múltiplas, e regressões multivariadas, que simplesmente não podiam ser entendidas pelo público não iniciado (ao menos no que tange às partes

comuns de pensamento social e político por modos “científicos” de pensamento) também tiveram um papel central no período do pós-guerra<sup>19</sup>. De fato, apenas depois da Segunda Guerra começou uma campanha contra a escrita sociológica para o público mais amplo. Essa campanha foi impulsionada pelos sociólogos ligados às fundações, preocupados com o fato de que as universidades valorizavam exageradamente o trabalho dos sociólogos que escreviam livros didáticos e trabalhos de difusão. A transição para uma audiência “profissional”, formada por especialistas de diversos campos, se tornou possível pela aparição de fontes alternativas de apoio financeiro. O apoio, claro, não era oferecido sem restrições: as demandas das audiências apenas foram substituídas pelas demandas dos funcionários das fundações.

Durante os anos do entre guerras, os subsídios que substituíram o duro trabalho de vender livros e de dar aulas e palestras para audiências pagas veio quase inteiramente da *Rockefeller*. No caso de Robert Lynd e dos sociólogos orientados para as estatísticas como Luther Fry, os recursos foram canalizados através do *Institute of Social and Religious Research (ISRR)*. No caso do Ogburn, Rice, Lynd e outros, a fonte foi o *Social Science Research Council*. Park e a Escola de Chicago em geral dependiam principalmente do *Local Community Research Committee* da Universidade do Chicago (BULMER, 1984, p. 129-50). As quantidades investidas no apoio desses acadêmicos eram surpreendentes. Ainda que seja óbvio, é preciso remarcar

---

estatísticas). Embora as publicações do Institute of Social and Religious Research (ISRR) procurassem reduzir os tecnicismos, as estatísticas complexas eram parte do procedimento básico das atividades “sociológicas” daquela instituição. Por tudo isso, aquele tipo de trabalho não poderia ter sido apoiado economicamente por um público mais amplo e não especializado.

- 19 O famoso tratado de George Lundberg *Can Science save us?* foi publicado em 1946. Mesmo naquela época, a defesa de uma “ciência natural da sociedade” era utilitária: “[...] a maior esperança para o homem no seu atual dilema social está na formação de uma ciência social estritamente comparável com as ciências naturais” (LUNDBERG, 1946, p. 35). Segundo aquele autor, o problema era a sobrevivência das “tradições pré-científicas” nos debates públicos e o fato de que sobre os problemas sociais “nós não temos muito conhecimento positivo – generalizações verificáveis – como temos nas outras ciências” (LUNDBERG, 1946, p. 7). Aquela realidade tinha para ele consequências decisivas para o ideal edificante: “[...] se a educação vai resolver os nossos problemas sociais depende da validade daquilo que ensinamos. Não há dúvida de que muito do que ensinamos sobre os assuntos sociais é menos do que inútil, porque consiste basicamente na transmissão dos erros, prejuízos, e especulações das gerações passadas. Ao não ser que o conhecimento seja constantemente testado e renovado através da pesquisa científica, a educação pode ser uma inimiga, muito mais do que uma ajuda, do melhoramento social” (LUNDBERG, 1946, p. 7).

que a transição em direção a um estilo profissional de sociologia empírica não poderia ter acontecido sem aquele apoio financeiro: as atividades dos trabalhadores envolvidos nas pesquisas, especialmente daqueles que faziam os cálculos das regressões parciais e múltiplas, os coletores de dados ou os pesquisadores de campo, que agora eram profissionais (e não voluntários), custavam muito dinheiro; a subvenção para publicar livros que o público em geral não compraria, também.

Os sociólogos conseguiram apoio porque as pessoas que financiavam as ciências sociais, neste caso os funcionários da *Rockefeller*, viam nas ciências sociais um meio para seus fins: as ciências sociais lhes apareciam como úteis ou potencialmente úteis. O que aconteceu durante os anos do entre guerras foi um processo prolongado, embora intermitente, de mútuo teste e invenção social. Nesse processo, os cientistas sociais tentaram vários projetos e dispositivos administrativos que eram apresentados nas fundações em busca do seu apoio. As fundações, por sua vez, financiavam seletivamente algumas dessas propostas. Desse modo, foram-se gerando novas expectativas baseadas no sucesso e nos fracassos dos esforços anteriores. Naturalmente, os cientistas sociais nem sempre sabiam como satisfazer as ideias, frequentemente imprecisas, das lideranças das fundações. Contudo, eles sabiam que havia algumas orientações que teriam uma boa acolhida. Tal era o caso do uso das estatísticas e da sua aplicação no estudo das tendências ou fenômenos considerados publicamente como problemáticos: os temas que os estatísticos do trabalho tinham analisado no século XIX podiam agora ser retomados, virtualmente nos mesmos termos, com os métodos da regressão parcial e múltipla. Com efeito, mais do que inovações intelectuais, muitas das mudanças deste período foram mudanças incrementais desse tipo.

Todavia, apesar do desejo de orientar as ciências sociais em um sentido mais “realista”, os funcionários da *Rockefeller* não tinham interesse nas ambições “científicas” dos sociólogos. De fato, no início dos anos 1930 eles cortaram drasticamente seu apoio. Muitos dos produtos da subvenção do SSRC, como o jornal *Social Science Abstract* de F. Stuart Chapin, foram interrompidos. Nesse tempo de crise, o SSRC começou a desenvolver novas ideias capazes de arrecadar fundos, encontrando o apoio da *Rockefeller* para a profissionalização da administração pública. A sociologia estatística

e científica convencional não tinha outro lugar onde pedir financiamento em condições de substituir aquilo que tinha obtido dos esforços filantrópicos da *Rockefeller*, permanecendo a década seguinte na busca de uma nova função. Os modelos de financiamento que foram eventualmente desenvolvidos deviam algo tanto à experiência de abundância do final dos anos 1920 quanto aos esforços dos magros anos 1930. O mais notável neste sentido foi Paul Lazarsfeld. Embora ele nunca tenha se considerado um sociólogo, desenvolveu um modelo de pesquisa de opinião social, psicologicamente orientada, que podia ser utilizada com fins comerciais<sup>20</sup>.

Na próxima seção voltaremos nossa atenção para um modelo que teve uma influência muito maior no cenário das ciências sociais, a saber, aquele de “formação profissional” desenvolvido em Harvard nos anos 1930 sob a rubrica do *Industrial Hazards Project*. O interesse desse modelo está nos seus efeitos: ele foi posteriormente retomado e sistematizado por Talcott Parsons (outro não sociólogo nas suas origens), chegando a oferecer a base para a imagem ideal do papel social do sociólogo (especialmente no que tange à sua relação com o público mais amplo) para os patrocinadores financeiros e as outras profissões<sup>21</sup>. Como ocorria com o modelo de Lazarsfeld do pesquisador de opinião profissionalizado, a solução de Parsons tinha as suas origens fora da sociologia; basicamente,

20 Nos anos 1960, o Bureau of Applied Scientific Research orientou-se para a assessoria do Estado. Mas o modelo da relação do pesquisador com o seu cliente manteve-se sem modificações substantivas. A relação era contratual e os objetivos eram negociados com o cliente. Em geral, os interesses do cliente relativos à produção de dados e sua análise não coincidiam com aqueles dos sociólogos identificados com a ideia de “ciência pura”. Em algum sentido, o modelo de pesquisa comercial sobreviveu no trabalho de alguns discípulos de Lazarsfeld, como Peter Rossi, especialmente no campo da pesquisa avaliativa.

21 O modelo de Lazarsfeld promovia um duplo uso das pesquisas e dos dados: por um lado, era preciso produzir um documento que, propriedade da empresa ou agência que pagava a enquête, devia servir seus interesses; por outro, podia-se escrever um estudo acadêmico com base naquele mesmo material. Esse material inclusive podia ser aumentado graças às perguntas adicionadas com propósitos acadêmicos e custeadas pelos sobrepreços que os clientes pagavam sem serem informados. Algumas características daquele esquema continuam vigentes na atualidade: frequentemente, quando as agências do governo encomendam uma enquête, os objetivos e as razões do investimento econômico são diferentes dos objetivos dos sociólogos, preocupados muitas vezes em produzir um estudo acadêmico. Nesse marco, o pesquisador acadêmico que trabalha para o Estado resolve o conflito produzindo ambos os tipos de resultados. Existem, claro, outras modalidades. Merton e Lerner (1951) discutem em um artigo clássico os desafios da sociologia como uma ciência das políticas [policy science] de uma forma que se aproxima da discussão de Parsons; porém, mais focada nos dilemas práticos do pesquisador empírico que, inserido no governo, pode se converter em um “técnico burocrático” [“bureaucratic technician”].

nos esforços das faculdades voltadas para o mercado de trabalho ou escolas profissionais [*professional schools*] de Harvard para fazer frente aos problemas das profissões diante de uma ordem industrial em transformação. Apesar das suas origens externas à disciplina, a ideia por trás do modelo de Parsons da sociologia como uma profissão se difundiu amplamente, sendo também proposta e apoiada por outros sociólogos que chegaram a ela de modo independente. Ela se converteu, de fato, em uma plataforma básica para o programa da sociologia estabelecido no período do pós-guerra.

## O modelo de Henderson: as ciências sociais como suporte das profissões

Entre 1924 e 1929, o *Laura Spelman Rockefeller Memorial (LSRM)* distribuiu cerca de 21 milhões de dólares para pesquisas em ciências sociais. Os Bulmers calcularam que esse montante equivaleria a 112 milhões de dólares em 1980 (BULMER; BULMER, 1981, p. 385-386)<sup>22</sup>. Em 1930, no crepúsculo da era mais generosa para as ciências sociais, a *Rockefeller Foundation* aprovou um subsídio de 875.000 dólares<sup>23</sup> para um “programa abrangente em riscos do trabalho” de sete anos, sediado na Universidade de Harvard<sup>24</sup>. O projeto girava ao redor do trabalho de Elton Mayo sobre os “problemas do pessoal na indústria” e de Lawrence J. Henderson e seus colaboradores sobre “a natureza e consequências da fadiga”. O subsídio deveria ser administrado por um “*Committee on Industrial Physiology*” recentemente criado, formado por Mayo, Henderson, o biólogo William Morton Wheeler, Wallace Donham e David Edsall (diretores da escola de negócios e de saúde de Harvard, respectivamente). Inicialmente, logo depois de ter negociado intensamente a aprovação da proposta com os funcionários da Fundação, Edsall foi designado como a máxima autoridade do projeto<sup>25</sup>.

22 Nota do tradutor: O que hoje corresponderia a 317 milhões de dólares.

23 Nota do tradutor: O que hoje corresponderia a 13 milhões de dólares.

24 Rockefeller Foundation, *Trustee Minute do 16 de Abril de 1930*, p. 3. 2005, *Universidade de Harvard, Industrial Hazards, 1929-30. RQ 1.1, Series 200, Box 342, File 4069*, Rockefeller Archive Center, Pocantico Hills, NY (a partir daqui *RAC*).

25 *Depois de ser parte do conselho de administração da Rockefeller Foundation, Edsall tinha acumulado um profundo conhecimento dos critérios e procedimentos tácitos utilizados para avaliar as propostas.*

Mesmo considerando os critérios não muito exigentes estabelecidos na década passada pelo *LSRM* para o apoio das ciências sociais, o subsídio foi muito generoso<sup>26</sup>; e ainda permitia um amplo poder de decisão e flexibilidade no seu uso. Os orçamentos de Mayo e Henderson podiam ser inclusive incrementados segundo o critério do comitê; e o balance disponível do subsídio (entre 25 mil e 30 mil por ano) podia ser considerado como um “fundo de pesquisa fluido” e alocado nos “projetos que dentro do programa geral prometam os resultados mais importantes”<sup>27</sup>. Os funcionários da *Rockefeller* e os membros do comitê tinham acordado que aquela porção do subsídio seria utilizada para apoiar o trabalho de Henry Murray em psicopatologia, a pesquisa de McFie Campbell em psiquiatria (em ambos os casos porque se relacionavam com o estudo do Mayo), e os estudantes de doutorado que trabalhavam com Philip e Cecil Drinker na área de higiene industrial (PEARCE, 1929, p. 2)<sup>28</sup>.

Como é possível notar, nenhum dos principais participantes do *Industrial Hazards Project* estava estreitamente ligado às ciências sociais. Cabe se perguntar, então, por que a *Rockefeller Foundation* decidiu apoiar essa iniciativa através da sua recentemente criada divisão de ciências sociais<sup>29</sup>. Pois bem, se observamos aquela iniciativa sobre o pano de fundo oferecido pela política da Fundação nos primeiros anos de 1930, o entusiasmo pela

26 Os 875.000 dólares destinados a Harvard representaram cerca de um terço do total do orçamento oferecido às ciências sociais em 1930 (2.617.000 dólares). Rockefeller Foundation, 1931, p. 1-4, Memorandum do 31 de julho, intitulado “Continuation of Limited Program in Support of Schools of Social Technology,” em “Social Sciences’ Program and Policy, August 10, 1931”, RG 3, Series 910, Box 2, File 12, RAC.

27 Rockefeller Foundation, *Trustee Minute* do 16 de abril de 1930, p. 3. 2005, Universidade de Harvard, *Industrial Hazards, 1929–30*, RG 1.1, Series 200, Box 342, File 4069, RAC.

28 *Aquele fundo seria eventualmente utilizado para apoiar a pesquisa de Douglass V. Brown na área da econômica médica, o estudo sobre Newburyport de Lloyd Warner e um trabalho sobre relações raciais em Natchez, Mississippi. Semelhante uso dos recursos, que supunha uma interpretação bastante ampla dos riscos industriais, colocou os beneficiários em constante desacordo com os funcionários da Rockefeller Foundation, que pensavam que aquele tipo de pesquisas tinha pouca relação com os riscos industriais.*

29 O apoio foi tanto que em 1930 a quantidade destinada ao Harvard *Industrial Hazards Project* era quase igual àquela outorgada a cinco instituições (\$ 888.000,00) para realizar “pesquisa geral em ciências sociais” (Rockefeller Foundation, “Continuation of Limited Program in Support of Schools of Social Technology”). De acordo com aquela distribuição dos fundos, E. E. Day, diretor da Social Division, disse para o Mayo “que o programa constitui uma de nossas melhores promessas no campo geral das ciências sociais neste país”; nessa linha, ele esperava “grandes logros a ser conseguidos durante o período financiado pelo subsídio” (E. E. Day carta a Elton Mayo, 14 de maio 1930, RG 1.1, Series 200, Box 34, File 4069, RAC).

proposta de Harvard é facilmente compreensível. Por um lado, o fato de não estar conectado com nenhum dos campos reconhecidos das ciências sociais era já em si uma vantagem. Desde os primeiros dias da sua intervenção no campo das ciências sociais, incluindo as empresas vinculadas ao *Chicago Local Community Research Committee* ou o próprio *SSRC*, o objetivo dos funcionários da *Rockefeller* foi quebrar as fronteiras disciplinares das ciências sociais tal como elas tinham se institucionalizado nas universidades estadunidenses. A busca do conhecimento como um fim em si mesmo, promovido pelas disciplinas universitárias – majoritariamente através de iniciativas acadêmicas individuais – era, segundo o critério da Fundação, um obstáculo para o desenvolvimento de uma investigação “realista”, engajada e orientada por problemas. Se a Fundação tinha apoiado a chamada pesquisa básica em ciências sociais, este apoio buscava, de modo instrumental, aumentar o “realismo” das ciências sociais acadêmicas. Nesse sentido, as estratégias da *Rockefeller* nunca perderam de vista a crença firmemente estabelecida de que “o avanço do conhecimento” não era “um fim em si mesmo”, senão um meio “para promover o bem-estar da humanidade ao redor do mundo”<sup>30</sup>.

Com a formação da sua nova divisão em ciências sociais em 1929 (sob o comando do Edmundo D. Day), o apoio às ciências sociais oferecido pela *Rockefeller*, mesmo mudando sua ênfase, não atravessou transformações fundamentais. A preocupação inicial por construir os alicerces da pesquisa científico-social foi substituída pelo “apoio direito aos projetos de pesquisa e programas específicos” que fossem relevantes diante dos problemas do controle social<sup>31</sup>. O único “campo de pesquisa reconhecido” que recebeu apoio em 1930 foi “o campo dos riscos da empresa econômica,

30 *Essas foram as palavras originais (provavelmente escritas por Frederick W. Gates) utilizadas para manifestar o propósito da fundação quando foi oficialmente reconhecida pelo Estado de Nova York em 1913 (COLLIER; HOROWITZ, 1976, p. 64-65). Essas palavras continuaram servindo como um ponto de referência na hora de definir as políticas ao longo da vida da fundação.*

31 *Kohler descreve como o escopo das ciências sociais tinha sido definido no final dos anos 1920. As tarefas que lhe eram designadas eram: “Incrementar o corpo de conhecimento que, em mãos dos técnicos competentes, e com o devido tempo, pode produzir um substantivo controle. Aumentar o estoque geral de ideias, que todos os membros inteligentes da sociedade civilizada devem ter. Difundir a valoração da pertinência e valor dos métodos científicos para a solução dos problemas sociais modernos” (KOHLER, 1976, p. 511). Os problemas de controle, como vemos, eram cruciais nos anos 1930, muito provavelmente a causa do afundamento da depressão econômica.*

particularmente na medida em que eles se relacionam com [...] os problemas da estabilidade econômica geral”<sup>32</sup>.

Pois bem, graças à sua orientação pragmática, o *Industrial Hazards Project* coincidiu diretamente com o interesse da Fundação “no processo através do qual os resultados da pesquisa recebem uma efetividade prática”<sup>33</sup>. Mais ainda, a preocupação do *Industrial Hazards Project* pelos problemas da vida industrial era consistente com o interesse de larga data da *Rockefeller Foundation* na área das relações industriais (GEIGER, 1986).

Contudo, o projeto não foi aprovado apenas porque coincidia com as prioridades da Fundação. Desde 1923, o trabalho de Elton Mayo tinha recebido apoio constante da *Rockefeller* e tinha sido quase uniformemente elogiado pelos funcionários da fundação. Nesse contexto, sua pesquisa, já em andamento, ofereceu parte importante do impulso para a formação de um programa de ampla escala. Dentre todos os projetos que o apoio da Rockefeller possibilitou nos anos 1920, seu trabalho era o que mais se encaixava nas premissas originais que motivaram a atuação da Fundação junto às ciências sociais<sup>34</sup>.

Por outro lado, o trabalho de Mayo tinha também chamado a atenção de Wallace Donham e de alguns dos seus colegas, facilitando sua chegada a Harvard em 1926<sup>35</sup>. Seus interesses em psicologia industrial coincidiam com várias das iniciativas que vinham se desenvolvendo naquela universidade. Depois de se tornar diretor da Escola de Negócios em 1919, Donham buscou ativamente renovar o ensino e a pesquisa. Para isso, ele colocou uma ênfase particular no “método de caso”<sup>36</sup>, a partir do qual os estudantes

32 *Rockefeller Foundation*, 1930, *Trustee Minute do 16 de abril de 1930*, p. 3, 200s.

33 *Rockefeller Foundation* “Continuation of Limited Program in Support of Schools of Social Technology”.

34 Em 1930, o subsídio do *Industrial Hazards Project* chegou a representar 90% do orçamento total (\$ 980.000) no campo dos riscos da indústria e da chamada estabilização da economia. O trabalho de Mayo no *Industrial Research Department da Universidade de Pennsylvania*, considerado um “assunto de interesse especial”, começou a receber apoio em 1923 do fundo pessoal do John Rockefeller Jr. O apoio foi estendido anualmente até 1926, quando começou a ser sustentado pelo LSRM (BULMER; BULMER, 1981, p. 383).

35 Donham foi capaz de convencer o reitor Lowell a aprovar a nomeação de Elton Mayo como professor de sociologia industrial chamando a atenção na importância das relações humanas na indústria (CRUIKSHANK, 1987, p. 63).

36 O “método de caso” tinha sido originalmente desenvolvido nos anos 1870 em Harvard pelo professor Christopher Columbus Langdell. Impressionado pelo método durante seus anos na Escola de Direito, Donham procurou incorporar o método no currículo da Escola de Negócios.

poderiam aprender a partir de experiências simuladas, mas inspiradas em situações reais do mundo dos negócios. Ele também achava que o capitalismo estava atravessando uma crise (DONHAM, 1931), e, por isso, era necessário um conhecimento mais aprimorado das relações das dinâmicas do lugar de trabalho. Por sua vez, Edsall, o diretor da escola de saúde, tinha somente um interesse instrumental no bem-estar e na segurança dos trabalhadores<sup>37</sup>: no que tange à saúde ocupacional, sua postura era aquela do *manager* corporativo. “Os riscos na indústria” não lhe preocupavam tanto porque podiam prejudicar a saúde do trabalhador, senão porque, como ele afirmou na imprensa, eles podiam causar “perdas financeiras muito graves” e ameaçar a estabilidade da indústria<sup>38</sup>. Desse modo, suas preocupações com as ameaças para a estabilidade da indústria, colocadas pelas doenças industriais, convergiam com as ideias de Mayo e Donham sobre como os estados psicológicos afetavam a moral e produtividade do trabalhador<sup>39</sup>.

Em meados dos anos 1920, Donham e Mayo começaram a ser conscientes da relevância que a pesquisa médica e psicológica teria para as suas próprias iniciativas. Diante disso, eles convocaram a L. J. Henderson, o mais respeitado biólogo de Harvard, para explorar problemáticas comuns. Henderson rapidamente se entusiasmou com a proposta de trabalhar na área de “problema de administração humana” e criou o laboratório de fadiga para poder trabalhar mais perto de Mayo. Aquela aliança provou ser uma “associação importante, feliz, e mutuamente estimulante” – Donham ano? *apud* Cannon (1945). Quando Mayo começou a associar seus esforços com aqueles de Henderson, Donham, Edsall e outros colegas, ele compreendeu que seu trabalho poderia oferecer o núcleo para uma iniciativa de pesquisa tão ampla quanto ambiciosa no campo das relações industriais.

37 Edsall tinha desempenhado um papel importante na formação do Departamento de Higiene Industrial em 1919 e logo depois na fundação da Escola de Saúde Pública em 1922, onde trabalhou como diretor (conjuntamente com seu trabalho na direção da Escola de Medicina).

38 David Edsall, 1929, “Statement” (para o Sr. Lamb da agência de publicidade da Universidade de Harvard), Deans’ Subject File, Industrial Physiology, Francis A. Countway Library of Medicine, Boston, Massachusetts. (Harvard Medical School Deans’s Subject File, 1899–1953, Rockefeller Gift for Industrial Physiology; doravante FCL).

39 Mayo tinha observado que a fadiga, tal como se manifestava nas “preocupações patológicas”, podia ser atribuída aos desequilíbrios entre o gasto de energia do trabalhador e as demandas da sua posição de trabalho. Elton Mayo, 1925: “The Human Factor in Industry”, FCL.

De modo complementar, Donham comprovou que a participação da Escola de Negócios no projeto era convergente com o trabalho de Mayo. O esquema fechava: os esforços de Mayo requeriam tanto um maior “conhecimento fisiológico”, a ser oferecido por Henderson e a escola de medicina, como um maior “conhecimento industrial e social”, a ser oferecido pela Escola de Negócios<sup>40</sup>.

A proposta do *Industrial Hazards Project* foi, então, um esforço para demonstrar como uma colaboração ambiciosa daquele tipo podia ser realizada. O seu compromisso com o enfoque multidisciplinar foi reforçado quando ficou claro que a *Rockefeller* acolheria uma pesquisa coletiva. Edsall, o encarregado de redigir a proposta, ofereceu para Day a “imagem [...] de um esquema amplo, no qual [o trabalho de Mayo] e aquele do Henderson encaixavam harmonicamente”<sup>41</sup>. Edsall se esforçou muito para destacar como as diversas iniciativas em Harvard compartilhavam um mesmo “esquema geral”. Fazendo menção da sua estratégia para Stanley Cobb, o diretor da Faculdade de Medicina, afirmou: “Eu tive, obviamente, que dar destaque para aquelas [áreas] que, segundo meu saber, podem interessar as pessoas da *R. F.* Fazer aquela proposta foi a tarefa mais difícil que eu tive que fazer. Tinha que juntar as coisas segundo um esquema geral e inteligente que eles pudessem achar racional”<sup>42</sup>.

Os esforços de Edsall tiveram sucesso. Depois da sua visita a Harvard em outubro de 1929, Raymond Pearce, funcionário da *Rockefeller*, afirmou que: “[...] a combinação do trabalho supervisionado por Drinker, Mayo e Henderson representa a abordagem mais sábia e completa para a solução dos riscos industriais que pode ser imaginada”<sup>43</sup>. Uma visão similar aparecia na resolução onde o projeto era aprovado: “O programa, na medida em que procura lidar com todas as fases dos riscos industriais, é único e promete produzir grandes e importantes contribuições em um campo onde as contribuições científicas são muitos desejadas. O apoio generoso

40 Carta do Wallace Donham para David Edsall, 20 de agosto de 1929, p. 2, FCL.

41 Carta do David Edsall para Elton Mayo, 22 de abril 1929, FCL.

42 Carta de David Edsall para Stanley Cobb, 26 de agosto 1929, FCL.

43 Richard M. Pearce, *Diário Oficial*, 18-19 de novembro de 1929, p. 2, *Visita a Harvard com Edward E. Day*, 18-19 de novembro, RQ 12.1, Box 52, RAC.

do programa parece desejável até que o trabalho tenha passado bem além da sua atual fase experimental”<sup>44</sup>.

Por outro lado, a difusão de conhecimento em diversas esferas sociais através da ação dos profissionais praticantes já era um método de trabalho estabelecido na *Rockefeller*. Seus êxitos anteriores na reforma da profissão médica e no treinamento médico em geral eram antecedentes sempre presentes para os seus funcionários. Apoiar a “tecnologia – ou engenharia – social” tal como ela era desenvolvida nas “escolas de treinamento profissional”, segundo a “reconhecida divisão entre negócios, lei, administração pública e assistência social”, era uma continuação daquele enfoque.

Nesse contexto, as ciências sociais poderiam ter os efeitos práticos que os funcionários da *Rockefeller* queriam promover se operassem através das escolas “profissionais”, “buscando traduzir seus achados em técnicas práticas” e “superar a brecha entre a pesquisa científica e as situações da vida prática”. Desse modo, elas poderiam contribuir no impulso das “mudanças nas nossas instituições e práticas sociais”. As escolas profissionais, cabe destacar, apareciam para aqueles funcionários como instâncias de “[...] muita importância na formação daqueles indivíduos destinados a chefiar nossos assuntos econômicos, políticos e sociais”<sup>45</sup>. E a situação de Harvard era particularmente favorável porque existiam muitas escolas profissionais e departamentos acadêmicos capazes de se envolver nessa iniciativa<sup>46</sup>. Em particular, a integração das atividades do projeto com a Escola de Negócios significava que o projeto poderia potencialmente influir no treinamento dos futuros líderes corporativos. Mais ainda, através de atividades de extensão, que seriam desenvolvidas por diferentes meios, a influência poderia atingir de modo direto aos homens de negócios atualmente ativos<sup>47</sup>.

44 Rockefeller Foundation, 1930, Trustee Minute do dia 16 de abril, 1930, p. 3, 2005.

45 Rockefeller Foundation 1931, p. 1, Memorandum do dia 22 de julho, intitulado “The Social Sciences in 1930,” RQ 3, Series 910, Box 2, File 12, RAC.

46 Rockefeller Foundation 1930, p. 1, Trustee Minute do dia 16 de abril, 2005.

47 As atividades de ensino e pesquisa de Mayo viraram a base para uma série de oficinas oferecidas durante os finais de semana aos executivos de negócios. Organizadas e dirigidas pelo professor da Escola de Negócios, Philip Cabot, as oficinas começaram em janeiro de 1935. A intenção era “influir aqueles executivos que em breve teriam responsabilidades maiores”, sempre recrutados “entre o alto mas não o mais alto” (CRUIKSHANK, 1987, p. 163).

Embora, como foi ressaltado, o *Industrial Hazards Project* fosse financiado pela divisão de ciências sociais, a pesquisa convencional em ciências sociais, tal como ela era desenvolvida nas universidades estadunidenses, não teve participação no projeto. O núcleo do projeto era o trabalho de Mayo em psicologia industrial aplicada, suplementado com a pesquisa em fisiologia e medicina do Laboratório de Fadiga de Henderson. Todavia, semelhantes esforços não deixavam de ser insuficientes na hora de lidar com os problemas mais amplos da gestão do trabalho e com o ajuste humano na indústria. Essa tarefa, segundo Donham, “requeria mais do que a experiência do Mayo em psicologia; requeria conhecimentos econômicos e sociológicos”<sup>48</sup>. Porém, as ciências sociais convencionais eram marcadamente desprezadas por Henderson e seus colegas. “Diferentemente do Departamento de Economia, Governo e Ciências Sociais”, segundo o biólogo:

[...] nós fazemos todo o esforço para basear nosso trabalho em pesquisas experimentais, e sobre o que seria o equivalente da experiência clínica dos médicos. Contudo, por outro lado, procuramos também incluir o mínimo de conhecimentos teóricos, cuidadosamente construídos e cautelosamente limitados, que parecem ser necessários quando os homens devem aprender com um método diferente da prática concreta<sup>49</sup>.

Para Henderson, a meta das ciências sociais devia ser “a formação dos cientistas sociais, segundo o modelo dos melhores médicos, habilitados na teoria e na prática”<sup>50</sup>.

Para isso, Henderson ofereceu dois cursos que foram organizados pelo Departamento de Sociologia (onde ele era um “membro” externo) e nos quais todos aqueles docentes e estudantes envolvidos em práticas profissionais foram estimulados a participar. Um dos cursos, o Seminário Pareto, foi primeiramente oferecido em 1931-1932. Henderson estava interessado na concepção do Pareto sobre os “resíduos” (sentimentos ou valores) e as “derivações” (crenças operando como ideologias). Desde o marco oferecido pela medicina clínica, segundo sua visão, seria possível diagnosticar

---

48 Carta do Wallace Donham para David Edsall, 20 de agosto de 1929, FCL.

49 Lawrence J. Henderson, 1938, p. 4, “Draft-Committee on Industrial Physiology,” Henderson Papers, Box 19, File 22, Faculty Papers of Lawrence J. Henderson, Manuscripts Department, Baker Library, Harvard Business School, Boston, Massachusetts (doravante, BL).

50 Lawrence J. Henderson, 1938, p. 1, Statement to Rockefeller Foundation, Henderson, Papers, Box 19, File 22, BL.

as formas de ação não lógicas e, desse modo, contribuir com os processos de equilíbrio social<sup>51</sup>. Segundo Henderson, o profissional prático, diante da ordem social, deveria atuar como o médico diante da doença. Acreditava-se que o corpo humano tinha processos de cura naturais capazes de restaurar por si mesmos o seu estado de equilíbrio. Porém, em algumas circunstâncias, os processos de cura naturais deviam ser acompanhados por algum tipo de intervenção “externa”. Semelhante marco conceptual, de inspiração paretiana, permitiria ao profissional fazer diagnósticos como um passo prévio à intervenção<sup>52</sup>.

O outro curso, “Métodos e resultados de alguns métodos sociológicos”, também conhecido como Sociologia 23 ou “sociologia concreta”, foi oferecido em 1936-1937 e procurou aplicar o esquema paretiano à realidade concreta. O curso estava estruturado a partir de uma série de aulas a cargo de pessoas com experiência concreta no “mundo real”. Mais especificamente, como Henderson explicou tempo depois, “[...] o plano do Sociologia 23 contemplava o treinamento profissional no uso da teoria de todos os homens, sejam cientistas sociais ou homens práticos” (HENDERSON, 1938, p. 5). No início do curso Henderson esboçava o esquema conceitual que englobava os casos concretos que seriam trabalhados seguidamente. Ele tentou publicar a introdução e as aulas, junto com um apêndice sobre o papel dos “resíduos” na história, como um livro didático sobre “sociologia concreta”. A recepção da ideia não foi, contudo, o suficientemente cálida e o projeto não chegou a se concretizar.

Cabe salientar que as dificuldades para achar um editor eram sintomáticas e a audiência, formada por profissionais e não estudantes era

51 Embora a linguagem paretiana fosse distintiva, as ideias subjacentes não eram particularmente originais. Também não era original a ideia de que o conhecimento dos processos equilibradores seria a chave na formulação de um papel aplicado para o cientista social. Giddings (1924), por exemplo, tinha desenvolvido a mesma linha de raciocínio na sua discussão sobre o “progresso planejado” [social telesis], conforme se verifica no capítulo 8 de sua obra.

52 Como indicam Cross e Albury (1987, p. 182): “O ideal da gestão [management] para Henderson, tanto como para Mayo, consistia em descobrir a organização informal dos pequenos grupos de trabalho nas fábricas para depois reorientar seus sentimentos em um sentido harmônico segundo a organização formal promovida pelo gerente. Para Henderson, o gerente habilidoso devia ser uma espécie de clínico Hipocrático, capaz de trabalhar pacientemente sobre as tendências naturais do organismo social para restaurar o estado de cooperação espontânea”.

relativamente pequena. Os finais de semana em Cabot<sup>53</sup> tanto como os estudos de caso, que traziam um profissional diferente para lecionar em cada aula, ajudavam a manter uma vinculação de reciprocidade com a audiência dos profissionais. Porém, a “reciprocidade” não podia incluir o apoio financeiro daquela audiência: a educação que se almejava devia ser necessariamente uma educação subsidiada por mais alguém. Assim, a relação entre os especialistas (*experts*) e a sua limitada audiência de “profissionais” demandava um apoio financeiro exterior. Neste sentido, podemos propor aqui uma definição operativa da “expertise” no sentido trabalhado neste texto: trata-se de uma educação na qual os usuários não são aqueles que pagam pelo serviço que consomem.

A situação era nova. Os sociólogos do *SSRC* dos anos 1920 e 1930 tiveram subsídios, mas diferentemente de Henderson, eles não conseguiram estabelecer um vínculo recíproco com uma audiência seleta e qualificada, valorizada por eles devido ao seu valor estratégico em alguma esfera social. Agora, o sociólogo “*expert*” devia achar uma audiência “valiosa”, em contraste com aquela mais ampla do passado, e se assegurar do acesso a subsídios, fossem eles diretos ou indiretos. Os subsídios, cabe ressaltar, eram necessários porque as audiências não podiam financiar o “*expert*”, seja através do pagamento de aulas, *royalties*, ou outros meios.

De todo modo, mesmo com o entusiasmo de Henderson e o apoio substantivo da *Rockefeller*, o trabalho do *Industrial Hazard Project* não teve o impacto imediato sobre as práticas profissionais e acadêmicas projetado pelas suas lideranças<sup>54</sup>. Consequentemente, os objetivos do projeto (que, como vimos, espelhavam as preocupações da Fundação Rockefeller), de produzir um maior grau de controle social e uma melhor compreensão dos problemas debatidos na esfera pública pela influência nas escolas profissionais, não foram alcançados. O isolamento do projeto foi a chave do fracasso. A ideia de uma maior cooperação entre *experts* e profissionais não foi acompanhada de uma base organizativa que pudesse gerar de maneira

53 Nota do tradutor: refere-se a um conjunto de residências, chamadas Cabot, no campus da Universidade de Harvard, onde moravam estudantes e professores.

54 A resposta dos editores para “Concrete Sociology” foi fraca. Mesmo quando reconheciam seu rigor, eles sentiam que era sério demais para ter um atrativo geral.

rotineira o apoio econômico das fundações ou do Estado; nem conseguiu oferecer uma base contínua capaz de canalizar suas ideias para os estratos profissionais e, através dessa mediação, para o público mais amplo. O que o projeto não tinha era uma teoria sobre como a prática dos profissionais podia ser socialmente organizada. Coube, então, ao protegido mais influente de Henderson, Talcott Parsons, traduzir os pensamentos e as atividades do *Industrial Hazard Project* em um programa mais acabado de institucionalização das ciências sociais segundo o modelo do *expert*.

## Parsons, o protegido de Henderson

Parsons não só participou do “Seminário Pareto” e do “Sociologia 23”, onde apresentou “estudos de caso” em mais de uma oportunidade, como foi convidado por Henderson a discutir o trabalho de Pareto. Depois de ler o rascunho de *A estrutura da ação social*<sup>55</sup>, onde Pareto era uma das figuras analisadas, o biólogo não duvidou de que a obra de Parsons vinha legitimar os esforços que ele mesmo estava realizando. Em uma nota dirigida ao diretor da *Rockefeller Foundation*, ele afirmava:

[...] o erudito estudo de Parsons mostra que há uma convergência muito clara nas conclusões dos teóricos desde Hobbes a Marshall, passando por Durkheim, Max Weber e Pareto; uma convergência em torno a um certo conjunto de abstrações ou variáveis que parecem oferecer uma boa base para a construção de marco de pensamento simples e modesto mas que pode ser incorporado sem muita dificuldade e utilizado com uma boa finalidade. (HENDERSON, 1938, p. 4).

O esquema de Parsons devia muito a Henderson<sup>56</sup>. Em um dos trabalhos que apresentou no Sociologia 23, Parsons observou que:

[...] uma profissão não tem somente uma tradição e um conjunto de habilidades próprias; ela tem também uma “função”. Seus membros proveem serviços que são demandados e que estão conectados com os problemas práticos que os indivíduos devem enfrentar na vida social. Uma função implica uma “situação” pela qual a função é orientada. A função médica, por exemplo, pode ser definida [...] como aquela que se ocupa da manutenção e restauração

55 Segundo o Parsons, o manuscrito tinha sido enviado a Henderson para sua consideração no contexto da sua avaliação do seu status na universidade (PARSONS, 1970, p. 832).

56 Sua noção de sistema social, como depois reconhecera, foi influenciada pelo trabalho do Henderson sobre Pareto (PARSONS, [1951] 1964, p. VII).

da “saúde”<sup>57</sup>. Desse modo, é possível dizer que a prática médica está orientada pela “restauração da saúde através do tratamento de uma perturbação no [...] equilíbrio.

Nesse sentido, “[...] a pessoa doente pode ser considerada como aquela pessoa que está desajustada em relação à sua rotina normal de funcionamento”<sup>58</sup>. A concepção de Parsons da relação entre o médico clínico e o bem-estar dos pacientes era quase idêntica àquela de Mayo e Henderson. Foi de fato desde aquela base que Parsons começou a desenvolver uma explicação sobre como o controle social institucionalizado podia ser impulsionado. A “metade moderna” das variáveis de parâmetro (universalismo, especificidade, desinteresse, e neutralidade afetiva) era, nesse contexto, fundamentais. Aquelas variáveis definiam os parâmetros que governavam a ação social, mas também podiam servir como guias para a prática profissional. Se os profissionais atuassem de acordo com aqueles parâmetros estariam contribuindo ao exercício do controle social<sup>59</sup>.

## O modelo de Parsons: a fase da “moral nacional”

A situação da guerra ofereceu um grande estímulo para a consolidação daquele enfoque. Parsons participou em numerosas iniciativas no contexto dos esforços de guerra<sup>60</sup>, lançando mão do esquema de Henderson e Mayo como uma base a partir da qual justificar a força e utilidade da análise social na produção de diagnósticos. A moral industrial, que tinha sido a preocupação dos pesquisadores dos riscos da indústria, foi retraduzida como “moral nacional”, e se converteu no foco do trabalho inicial de Parsons e do seu círculo de colegas em Harvard. Como parte das atividades da “Defesa Americana”, formou-se em Harvard um comitê dedicado à reflexão sobre

---

57 Talcott Parsons (1938, p. 8-9): “A Sociological Study of Medical Practice.” Paper apresentado no Sociology 23 Seminar, *Sociology 23 Lectures*, Box 23, Lawrence J. Henderson Papers, BL.

58 Para Parsons, uma “função” significava atividade intencional; daí que o equilíbrio do sistema social requeria um engajamento ativo. Essa concepção está bem longe do lugar comum que afirma que Parsons olhava a sociedade como um organismo autoequilibrado, controlado por um funcionamento automático. Seu ponto de vista não era aquele do biólogo passivo, senão aquele do médico clínico engajado, cujas intervenções procuraram assegurar a saúde do sistema social.

59 Para um tratamento mais detalhado das variáveis de parâmetro e da sua importância para a teoria de Parsons sobre as profissões, ver Buxton, 1985.

60 Como o National Morale Committee of American Defense sediado em Harvard, o The Civil Affairs Training Program, e o Enemy Branch of the Foreign Economic Administration.

temas de moral nacional. Parsons começou suas atividades durante o verão de 1940, atuando como vice-presidente do *Committee on National Moral*. No grupo participavam também Gordon Allport, Carl Friedrich, Edward Hartshorne e Henry Murray. Segundo Parsons, a missão do grupo era:

[...] fazer trabalho intelectual útil destinado a clarificar o pensamento e a ação sobre problemas do campo da moral nacional, entendida, em termos gerais, como a moral de qualquer país envolvido na crise atual. Para fazer isso, decidimos montar grupos de debate que fariam pesquisa no campo, em uma nação depois da outra [...] tentando, finalmente, formular os resultados em relatórios amplos, que poderiam ser utilizado com varias finalidades<sup>61</sup>.

Depois de inaugurar os grupos de debate sobre Alemanha e Japão, o Comitê esperava focar sua atenção na França e nos Estados Unidos. Enquanto explorava os fatores que fortaleciam a moral (ou, inversamente, aqueles que a ameaçavam), Parsons se apoiou (e elaborou) no ponto de vista hipocrático desenvolvido anteriormente por Henderson. Isso fica particularmente claro nas suas reflexões sobre o desenho e a implementação mais efetiva das políticas de propaganda (PARSONS, [1942] 1964). Para ele “[...] seria muito estranho que os aspetos fundamentais da estrutura e funcionamento da [prática médica] estivessem confinados na relativamente estreita esfera funcional da prática médica” (PARSONS, [1942] 1964, p. 160). Com isso em mente, ele identificou o sistema social com a imagem de um organismo vivente, com tendências naturais a se curar e voltar ao seu equilíbrio, mas que também podia precisar de uma intervenção profissional. Nesse caso, o papel de clínico hipocrático deveria ser realizado por uma forma nova de “terapia psicossocial”:

Tanto como a psicoterapia deliberada ou intencional que se dá na relação médica é em certo modo uma simples extensão dos elementos funcionais inerentes à estrutura do papel do médico, no nível social, a propaganda seria simplesmente uma extensão, das muitas possíveis, das funções automáticas (mas latentes) dos parâmetros institucionais existentes. (PARSONS, [1942] 1964, p. 173).

Assim, do mesmo modo que “a psicoterapia consciente tira proveito dos parâmetros do papel do médico” para controlar o paciente, segundo

61 Talcott Parsons (1941): *Report of the Committee on National Morale, Parsons Papers, Correspondence and Related Papers, 1930–59, Box 3, Faculty. Papers of Talcott Parsons, School of Overseas Administration Collection, Harvard University Archives, Cambridge, Massachusetts (doravante HUA)*.

Parsons, “[...] as estruturas sociais podiam ser influenciadas se se trabalhava deliberadamente reforçando os mecanismos de controle social já existentes” (PARSONS, [1942] 1964, p. 171).

Desse modo, o papel do médico oferecia um modelo para a ação de propaganda. Parsons era enfático: “[...] tratar a política de propaganda como uma espécie de terapia sociopsicológica é atuar de acordo com a natureza essencial do sistema social” (PARSONS, [1942] 1964, p. 174). Reafirmando as normas culturais compartilhadas, de maneira similar ao psiquiatra, o cientista social poderia ajudar a integrar as tendências desviantes na ordem social. A política de propaganda tutelada pelos cientistas sociais, insistia Parsons ([1942] 1964, p. 174), devia ser modelada na imagem da psicoterapia.

Parsons sabia que aquele tipo de propaganda descendia diretamente dos tradicionais esforços educativos das ciências sociais estadunidenses. Ele afirmava que “[...] as ciências sociais [...] tinham sido de muita importância no passado para o diagnóstico da situação social, os significados das suas diferentes fases e suas tendências do cambio [*sic*]” (PARSONS, [1942] 1964, p. 165). A relação com o público, contudo, invertia agora a formulação original de Small: para Parsons, o público mais amplo devia ser pensada como um paciente que devia ser tratado terapeuticamente (e não já como uma população a ser educada ou esclarecida). Por sua vez, a tarefa de servir de suporte ao propagandista profissional podia, adicionalmente, dar uma resposta a um dos principais enigmas na construção da sociologia como uma profissão: o que é que podiam fazer os sociólogos? Pois bem, a contribuição “funcionalmente específica” do sociólogo na divisão do trabalho das ciências sociais poderia incluir o aconselhamento das agências de propaganda nos temas da sua especialização, ou seja, o estudo das orientações valorativas e normas que contribuem para o bem-estar essencial do sistema social. De todo modo, Parsons esclarecia, as agências de propaganda eram somente uma das audiências possíveis para a disciplina. O conhecimento sociológico podia, com efeito, ser mobilizado na formação de outros “profissionais” e desenhadores de políticas.

Contudo, os objetivos dessa nova versão da sociologia deveriam ser realizados em colaboração com a antropologia e a psicologia. Dentro do

*Committee on National Moral*, a divisão de trabalho entre aquelas disciplinas perdia força. Considerava-se, com efeito, que o problema da moral era global e que demandava uma análise comparada e integrada sobre como as motivações individuais se relacionavam com as instituições sociais. Dada a necessidade de determinar para cada país os fatores mais importantes na formatação da moral nacional, o atrativo da antropologia era óbvio. Porém, preocupado em fazer com que o *Committee* contribuísse na construção de uma moral nacional, Parsons buscou apoio na psicologia social – na sua orientação psicoterapêutica aplicada – e nos seus conhecimentos sobre controle social. As exigências dos tempos de guerra, nesse sentido, davam a oportunidade de usar a análise sociológica para oferecer uma visão democrática e liberal mais realista e menos distorcida. O que “a gente pode ‘fazer’ a respeito” é, a partir do apoio do grupo de defesa, expor nossa visão e fazer a nossa contribuição na comunicação de uma definição da situação aceitável”<sup>62</sup>.

A visão de Parsons sobre moral, propaganda e controle social era complementada pelas atividades dos outros integrantes do *Committee*. Além de oferecer um seminário de “pesquisa sobre moral”, Gordon Allport e Henry Murray publicaram um livro titulado *Worksheet on Morale* (ALLPORT, 1968, p. 396). Allport também colaborou em um extenso artigo sobre as contribuições da psicologia social nos esforços de guerra (ALLPORT; VELTFORT, 1943). Edward Hartshorne, por sua vez, escreveu sobre o papel da cultura juvenil no Nacional Socialismo (1941).

Contudo, os membros do *Committee* não limitavam suas iniciativas à produção de publicações acadêmicas. Eles também participavam ativamente no que Parsons descrevia para o reitor de Harvard, James B. Conant, como “[...] um conjunto amplo de atividades e planos no campo da aplicação de algumas dimensões das ciências sociais na situação de guerra”. O objetivo era aplicar “[...] o nosso conhecimento sociológico para o estudo da situação social nos diferentes países para esclarecer alguns dos fatores principais que deveriam sustentar qualquer política prática inteligente”. Aquele “entendimento compreensivo do ‘estado do sistema social’”

62 Carta de Talcott Parsons para Edward Hartshorne, 29 de agosto de 1941, *Parsons Papers, Correspondence and Related Papers, 1930–59, Box 3, HUA*.

era “muito importante nos campos da política de propaganda, na orientação geral da política exterior, e talvez, mais do que nada, nos problemas que seguiriam ao final da guerra”<sup>63</sup>.

Segundo Parsons, “aquela iniciativa” tinha dado “ao menos indiretamente, alguns frutos”. Seu colaborador e codiretor no *Committee on National Moral*, Edward Hartshorne, tinha se unido em setembro de 1941 à Divisão de Psicologia na *Office of the Coordinator of Information*. Como parte de uma política que procurava se apoiar na “sociologia comparada” para construir “uma análise geral dos diferentes países”, aquela Divisão convocou em duas oportunidades o grupo de Harvard. “Os dois estudos resultantes”, sugeria Parsons, “[...] tinham demonstrado o potencial da sociologia e outras técnicas científico-sociais quando eram aplicadas em um campo onde elas não tinham sido até esse momento utilizadas”. Parsons se iludia com o interesse que esse tipo de trabalho gerava nas autoridades políticas<sup>64</sup>.

Nesse contexto, em 1941, Bartholomew Landheer, que trabalhava no *Netherlands Information Bureau* em Nova York, encarregou Parsons da realização “de uma série de estudos sociológicos em alguns dos países ocupados da Europa”. Depois de uma reunião onde se reuniu um grupo de sociólogos e de representantes dos governos no exílio dos países ocupados (Holanda, Polônia, Checoslováquia e França), decidiu-se iniciar um estudo das estruturas sociais daqueles países no período anterior à ocupação, que seria complementado com outro estudo sobre os “efeitos sociais da ocupação militar”. Mais uma vez, Parsons se entusiasmava pelo interesse que a sociologia gerava nos tomadores de decisões.

Contudo, Parsons não concebia aquelas iniciativas como simples trabalhos aplicados ou de consultoria. Segundo ele, e tal como enfatizou para Conant, era urgente integrar as experiências do seu grupo na estrutura e programa acadêmicos de Harvard. Os professores e os alunos, dizia, estavam participando informalmente daquelas atividades, mas “muito mais

---

63 Carta do Talcott Parsons para James Conant, 8 de fevereiro de 1942. *Parsons Papers, Correspondence and Related Papers, 1923–40, Box 15, HUA*.

64 Carta do Talcott Parsons para James Conant, 8 de fevereiro de 1942.

poderia ser conseguido se as autoridades facilitavam fundos e o seu aval oficial”. Parsons acreditava que a *Rockefeller Foundation* poderia conceder financiamento para os estudos dos países ocupados; mas, para isso, era preciso o reconhecimento oficial do projeto na universidade.

Deve ser claro que eu estou pensando o problema em termos do desenvolvimento e da utilidade do trabalho mais novo que se vem apoiando na sociologia, antropologia e psicologia, e que se distingue de boa parte do trabalho mais tradicional realizado em campos como a economia e governo. Além do seu potencial em relação com a situação de guerra em que vivemos, a situação apresenta uma oportunidade favorável para promover o desenvolvimento e reconhecimento mais estável daquele trabalho. De ter sucesso, o que a gente veio fazendo poderia ter ramificações bem extensas na ciência social acadêmica. Acho, por isso, que Harvard tem uma valiosa oportunidade para fazer um trabalho pioneiro, um trabalho que poderia ter uma grande importância para o futuro das ciências sociais no país inteiro<sup>65</sup>.

A *Rockefeller Foundation* decidiu não apoiar a proposta de Parsons, mas o financiamento apareceu de outra fonte. Harvard foi escolhida como uma das sedes do *Civic Affairs Training Program*, que começaria as suas atividades em 1943. Seu propósito era preparar oficiais “para servir nos governos militares que seriam instalados nos territórios ocupados”, através da provisão de uma ampla instrução na área das políticas e práticas do governo militar, o ensino de línguas estrangeiras, a instrução sobre a cultura dos “povos estrangeiros”, e o treinamento sobre como usar as habilidades e conhecimentos próprios em outros países de um modo efetivo (HYNEMAN, 1944, p. 342).

Parsons foi escolhido como um dos instrutores do *programa* em Harvard que se ocuparia da China e do Mediterrâneo. Segundo ele, o novo programa oferecia a possibilidade de desenvolver projetos de pesquisa orientados segundo o modelo que ele vinha promovendo. “Uma vez dentro”, ele confiou ao ex-estudante Kingsley Davis, “as possibilidades para ter oportunidades são muito melhores do que se a gente tenta fazer algo desde fora”<sup>66</sup>. A tarefa de Parsons era subministrar material relevante para as atividades das administrações militares. Mas, convencido das suas ideias, ele

65 Carta do Talcott Parsons para James Conant, 8 de fevereiro de 1942.

66 Carta do Talcott Parsons para Kingsley Davis, 21 de janeiro de 1943, *Parsons Papers, Correspondence and Related Papers, 1930–59, Box 16, HUA*.

aproveitou o programa como uma oportunidade para continuar aprimorando a “análise comparada das estruturas institucionais”. Ele estava convencido de que isso podia ser “muito importante em campos como a política exterior e a propaganda”, e “[...] crucial para qualquer tentativa de administrar uma área estrangeira com um mínimo de fricção com as populações locais”<sup>67</sup>. Em termos gerais, Parsons via o “o programa do exército no trabalho em áreas e línguas” como “um grande estímulo para o futuro do campo de estudos sobre instituições comparadas”. A responsabilidade de oferecer um treinamento “[...] destinado a fins práticos [...] devia acabar dando a algumas partes da sociologia uma atitude e posicionamento mais maduros”<sup>68</sup>.

Enquanto Parsons se envolvia com a administração e participação no programa do treinamento do exército, continuava seu trabalho com temas relacionados ao problema da moral na Alemanha. Mais especificamente, a pergunta que percorria seu trabalho era como poderia a sociedade alemã ser transformada em uma democracia liberal no período do pós-guerra. A partir da ideia das “situações” como a base principal das “atitudes” e “ações”, Parsons afirmava que não era possível induzir as transformações sociais desejadas pela simples mudança das estruturas de caráter dos membros da sociedade alemã tomados individualmente. De fato, ele teve que se confrontar com aquela concepção em uma “Conferência sobre Alemanha depois da Guerra”. Nessa ocasião, os “psiquiatras e psicanalistas” tinham sugerido que a Alemanha poderia ser transformada se “[...] equipes psiquiatricamente orientadas educassem os pais alemães para mudar suas maneiras, e para desse modo poder criar seus filhos com personalidades não autoritárias” (PARSONS, 1969, p. 63). De modo consistente com a sua visão sobre a ordem social, Parsons sugeriu que a maneira mais efetiva para deixar para trás o Nacional Socialismo era através de uma “[...] mudança dinâmica das instituições [...] ou seja, daqueles parâmetros que definem aquilo que é o básico do comportamento legitimamente esperado das pessoas na medida em que elas desempenham um rol estruturalmente importante no sistema social” (PARSONS, [1945] 1964, p. 240).

67 Talcott Parsons, 1943, Memorandum on a Possible Sociological Contribution to the Proposed Training for Military Administration, *School of Overseas Administration*, Box 2, HUA.

68 Talcott Parsons, Letter to Marion Levy, 15 September 1943, *Parsons Papers, Correspondence and Related Papers, 1930–59, Box 13, HUA*.

A interdependência entre a estrutura do caráter e as instituições fazia com que:

[...] qualquer mudança permanente e extensa do povo alemão não possa descansar em uma mudança que não fosse além do caráter. Por isso, ela devia incluir também mudanças no plano institucional, caso contrário às condições institucionais continuariam a criar o mesmo tipo de estrutura de caráter autoritário nas novas gerações. (PARSONS, [1945] 1964, p. 238).

Como vemos, as recomendações de Parsons para o tratamento da Alemanha no pós-guerra se apoiavam nos marcos conceituais construídos no contexto da fusão da sociologia institucional, a psicoterapia e a antropologia cultural que ele e os seus colegas vinham desenvolvendo em Harvard.

Foi assim que a experiência cooperativa dos tempos de guerra entre aqueles três campos prepararam o terreno para a formação posterior do Departamento de Relações Sociais, uma vez terminado o conflito bélico. A estratégia e o esquema organizativo de Parsons não eram simples. Primeiramente, ele definiu uma função específica para a sociologia na divisão do trabalho entre as ciências sociais. Como ficava claro no seu conselho sobre a reconstrução da Alemanha no pós-guerra, no que dizia respeito às relações entre as dimensões institucionais, caracterológicas e culturais, a sociologia poderia dizer coisas distintivas sobre o nível institucional e também sobre as inter-relações entre os diferentes níveis. Em segundo lugar, inspirado na rede que Henderson tinha montado nos seus cursos, Parsons promoveu as relações intelectuais entre os diversos acadêmicos trabalhando na área das relações sociais, ao mesmo tempo em que se ocupava em definir os problemas cognitivos de cada uma das disciplinas para favorecer uma relação harmônica. Em terceiro lugar, ele procurou conectar aquela rede com um conjunto de propósitos capazes de gerar um permanente apoio financeiro. Os estudos de Área [*Area Studies*], dos quais o *Russian Research Center* foi um exemplo paradigmático, provou ser uma das histórias mais bem-sucedidas no que tange ao financiamento. Pelos próximos 20 anos, aquele programa contaria com um amplo orçamento bancado pelo *SSRC*, a *Ford Foundation* e o governo federal.

Os estudos de área são, de fato, o domínio arquetípico do “*expert*”: nesse esquema, os especialistas são subvencionados e têm uma audiência pequena, mas altamente qualificada e seleta – na medida em que se

tratam de pessoas encarregadas de decidir sobre os principais assuntos do interesse nacional. Parsons teve um papel considerável no governo do *Russian Research Center*, e seu esquema conceitual foi muito influente nos intelectuais que trabalhavam nele – ver Moore ([1954] 1966, p. 181). Para ele, aquela era precisamente a relação que devia predominar entre a teoria pura e o trabalho intelectual aplicado em determinados domínios profissionais.

Durante o pós-guerra, cabe salientar, as fundações foram muito receptivas para aquele modelo. Os integrantes da *Russell Sage Foundation* “[...] manifestaram sua fé na experimentação e demonstração desenhadas para produzir uma relação mais próxima e efetiva entre os profissionais preocupados com o bem-estar social, a saúde e outros campos relacionados, e aqueles comprometidos no avanço do conhecimento sobre o comportamento humano”. Foi com base nessa fé que eles garantiram bastante fundos, tanto como a *Carnegie Corporation* e a *Ford Foundation* (LANSING, 1956, p. 43). O “Reporte Gaither”, solicitado pela *Ford*, concluiu que os subsídios destinados à área de “Comportamento individual e relações humanas” deveria se orientar para facilitar “[...] o uso do conhecimento do comportamento humano [gerado nas ciências sociais acadêmicas] na medicina, na educação, na advocacia, e em outras profissões, mas também entre os planejadores, os administradores ou funcionários inseridos no governo, nos negócios ou as comunidades em geral” (GAITHER, 1949, p. 91)<sup>69</sup>.

69 *As continuidades com a concepção mais antiga são ainda evidentes neste documento. Com efeito, uma área adicional de interesse era o estudo das causas que originavam as crenças, necessidades e atitudes emocionais do homem. Essa área devia se dirigir a produzir “[...] um conhecimento que possa ser utilizado pelo indivíduo para a sua ilustração e conduta racional”, ou seja, uma atividade “edificante” destinada a uma audiência ampla. A ênfase do reporte, contudo, é colocada nas dificuldades das fundações para aplicar o conhecimento das ciências sociais “nos problemas sociais”; dificuldades que vinham da inexistência de “profissões reconhecidas, com campos e jurisdições expertas claramente delimitadas”, como “aquelas já consolidadas nas quais os homens leigos costumam se apoiar” (GAITHER, 1949, p. 114). Os exemplos dos usos prévios (e bem-sucedidos) da “ajuda das fundações” para lidar com aquela ausência e fomentar a consolidação das profissões incluíam “[...] o desenvolvimento de padrões profissionais no campo da medicina, educação, bem-estar público e assistência social, biblioteconomia, planejamento urbano, psiquiatria e psicologia clínica, e administração do pessoal”. O apoio, naqueles casos, tinha servido para “[...] elevar os padrões do desempenho, aprimorar suas técnicas de funcionamento e aumentar sua capacidade para aproveitar os recursos oferecidos pelas pesquisas fundamentais nas áreas envolvidas” (GAITHER, 1949, p. 115).*

Aquele financiamento, complementado posteriormente pelos recursos dos governos, facilitaram a chegada dos sociólogos nas escolas de medicina. Assim, o modelo promovido por Parsons, do vínculo dos cientistas sociais com as profissões ao invés do público mais amplo, que era tão estranho para o modelo de apoio das ciências sociais do *SSRC* dos anos 1920 e 1930, foi uma fonte enorme de subsídios do governo federal nos anos 1950 e 1960. Semelhante modelo procurava legitimar o apoio material da sociologia como uma forma indireta de apoiar as causas – claramente relevantes do ponto de vista social e político – nas quais os sociólogos se engajavam enquanto *experts*. Assim, por exemplo, com o desenvolvimento da sociologia médica nas escolas de saúde (onde também cabia a sociologia geral, especialmente aquela preocupada com a metodologia que alimentava a pesquisa médico-social), os sociólogos podiam ser os beneficiários do desejo, mais generalizado e concreto, de melhorar a prática profissional dos médicos.

## O programa realizado

Se avançarmos no tempo e virmos o relatório de Parsons sobre a disciplina de 1959, é possível ver que o autor descrevia a profissionalização da sociologia quase nos mesmos termos que ele tinha usado nos anos 1930. Nesse sentido, ele reiterava a ideia-chave de que a audiência da sociologia não era o público em geral, senão os profissionais. Ele era enfático:

[...] é da maior importância para o desenvolvimento da sociologia que a sua relação com toda uma série de funções *aplicadas* seja mediada pelas escolas profissionais que treinam os profissionais nessas funções e que formam centros pela “pesquisa para ação” destinados a produzir diretamente resultados práticos. (PARSONS, 1959, p. 557).

Mas, por intermédio desse texto, é também possível ver todos os problemas que persistiam em relação ao programa para impulsionar a profissionalização da disciplina. No relato oferecido os sucessos eram, de todo modo, substantivos: “no marco da última geração a sociologia tem melhorado substantivamente em prestígio relativo” (PARSONS, 1959, p. 553). Isso era vinculado com a profissionalização da disciplina em geral e, mais especificamente, com a diferenciação crescente da sociologia dos “aspectos não científicos da cultura geral, como a filosofia, a religião, a literatura e as artes” (o seja, uma diferenciação do tipo de atividades que dependem

de público amplo para obter seus recursos financeiros). Isso era também explicado pela diferenciação da sociologia como ciência da “prática” e as suas necessidades imediatas, e a emergência de uma “relação adequada” com os campos aplicados. Adicionalmente, o cenário era associado com a diferenciação da sociologia das outras ciências sociais e com o “modo em que os cânones da adequação científica e objetividade têm sido estabelecidos como a norma básica da profissão” (PARSONS, 1959, p. 547).

Semelhante tom mal conseguia ocultar a angústia que aparecia em outras partes do relatório, proveniente do fato de que, depois de tudo, a base do sucesso da sociologia continuava a ser o conjunto de preocupações trabalhadas pelos velhos sociólogos voltados à educação e ilustração do público mais amplo (ou seja, a preocupação com a solução dos problemas sociais tradicionais e com o que Parsons identificava como os aspectos “ideológicos” da sociologia). Vinha também do fato de que o sucesso da sociologia com aquele público continuava eclipsando as conquistas da sociologia “profissional”<sup>70</sup>. Diante disso, ele não deixava de reconhecer que o fortalecimento da posição da sociologia na universidade, e em geral “no mundo dos assuntos práticos”, correspondia, embora de modo temporário, ao aumento da importância da sociologia como uma das fontes da “definição ideológica da situação da nossa sociedade” (PARSONS, 1959, p. 553). Parsons percebia, tanto como Mills em *A imaginação sociológica*, publicada no mesmo ano, que a sociologia estava na moda. De modo que talvez possamos “[...] dizer que, em termos ideológicos, uma ‘era sociológica’ tem começado depois de uma ‘econômica’ e, mais recentemente’ de uma era ‘psicológica’” (PARSONS, 1959, p. 553). Ele era consciente de que alguns sociólogos tinham explorado com sucesso as “preocupações ideológicas mais amplas” referidas, segundo a sua visão, ao “problema da conformidade”. Ele também entendia que a popularidade da disciplina como curso universitário de graduação [*major*], com números crescentes de estudantes, tinha pouco a ver e era talvez inimiga das pretensões “técnicas” e “profissionais” do tipo que ele defendia (PARSONS, 1959, p. 554).

70 Cabe lembrar aqui *The Lonely Crowd*, de David Riesman, que foi um sucesso de vendas nos anos 1950.

O vocabulário utilizado por Parsons quando aborda esses difíceis assuntos é aquele que Mary Douglas chama de linguagem da “pureza” e do “perigo”. “A colocação da sociologia em uma posição central no foco das preocupações ideológicas significa que ela deve servir como uma guardiã primária da tradição científica, contrapondo-se às muitas tendências que procuram introduzir vieses e distorções” (PARSONS, 1959, p. 555). Porém, Parsons era suficientemente esperto para reconhecer que a confusão entre a sociologia e a reforma social, que ele tratava como o problema de uma diferenciação incompleta (PARSONS, 1959, p. 558) (que, contudo, continuava gerando o interesse social na disciplina), não era somente uma condição essencial para o sucesso da sociologia nos termos em que ele a pensava, senão, e ao mesmo tempo, uma ameaça que podia arriscar as conquistas do profissionalismo (PARSONS, 1959, p. 555). Ele era ciente, por exemplo, de que manter o interesse dos estudantes universitários pela disciplina dependia de fazer algumas concessões nas suas expectativas e preocupações “ideológicas”, infelizmente confusas. Para isso, e mostrando certa habilidade estratégica, ele propunha separar o ensino desenvolvido na graduação da prática da profissão a partir da criação de fronteiras mais rígidas entre os tipos de carreiras abertas para os sociólogos na esfera acadêmica (PARSONS, 1959, p. 554), com docentes focados na graduação e outros, mais reconhecidos, ensinando na pós-graduação – uma estratégia que também era debatida por extenso nos círculos do *SSRC*<sup>71</sup>.

Atualmente, quando as pressões produzidas pelos estudantes com vocação reformista têm em boa medida desaparecido, podemos começar a refletir com mais calma sobre a coerência do programa de Parsons e da sua estratégia que buscava fazer da sociologia uma “profissão”, integrada por *experts*, que devia intervir na sociedade através da “mediação” das escolas profissionais. Hoje é evidente que, apesar da proposta audaz de Parsons de 1959, a ideia de que a sociologia tenha assegurado um lugar permanente nas escolas de medicina, “[...] com um status organizacional similar

---

71 Donald Young, o diretor do *SSRC*, estava convencido de que os reitores não deviam premiar os autores de livros didáticos [textbooks]. Ele preferia um modelo de propaganda científica destinado a promover e popularizar as ciências sociais, um modelo que pudesse explicar as descobertas dos pesquisadores e contribuir desse modo na defesa pública do financiamento daquelas ciências (1948). Contudo, aquele trabalho de divulgação devia, de fato, ser subsidiado.

com aquele dos fisiologistas, bioquímicos, biofísicos, bacteriologistas etc.” (PARSONS, 1959, p. 556), era um erro. A sociologia acha-se em retirada nas escolas de medicina e saúde pública onde floresceu brevemente, e seu papel na área da saúde mental (a área das suas primeiras e mais exitosas incursões) está sendo atacado, até pelos próprios pacientes. Contudo, é preciso reconhecer que os sociólogos estão se inserindo com relativo sucesso nas escolas de negócios, mas isso apenas porque os estudos organizacionais têm se configurado como uma especialidade alternativa, e em boa medida autônoma, no campo dos estudos de *management*. Podemos tomar esses dois casos como dois resultados alternativos de um processo similar.

A sociologia médica foi o produto dos subsídios: os “expertos” que produzia necessitavam, como vimos, estabelecer relações estáveis com uma audiência de profissionais praticantes para se poder reproduzir. Mas isso não foi possível e, conseqüentemente, o financiamento foi diminuindo. Várias razões explicam porque os médicos nunca levaram a sério a sociologia. Mas tem uma que é particularmente importante em relação com o modelo “profissional” tal como ele era promovido: as metodologias e paradigmas explicativos que foram tão exitosos no estabelecimento de um nicho para a sociologia na medicina – mostrando, por exemplo, que certos resultados médicos estavam estatisticamente associados com certas variáveis “sociais” – acabaram mostrando-se pouco úteis para a intervenção nos problemas de política que elas revelavam. Da demonstração de uma relação estatística entre algum atributo social (ou uma condição socialmente distribuída) e algum resultado médico não desejado (por exemplo, a mortalidade infantil), raramente se seguiam soluções livres de ambigüidade. Com efeito, as tentativas dos médicos e funcionários na área de saúde pública que se inspiravam naquele tipo de conhecimentos, e que valoravam as ciências sociais, não eram muito efetivas: as correlações entre os estímulos da política e os resultados demonstráveis eram muito baixas, gerando dúvidas sobre a validade dos raciocínios causais implícitos que orientavam as políticas. Na maioria dos casos, havia muita redundância ou sobredeterminação nos problemas sociais que as políticas procuravam atender: a eliminação de uma “causa” significava em geral que outra “causa” produziria os mesmos resultados. Os sociólogos nunca superaram aquela deficiência nem conseguiram adaptar seus métodos de acordo com as demandas práticas da sua

audiência. Não é claro como eles poderiam ter evitado aqueles problemas, mas, seja como for, é possível afirmar que o vínculo entre os “*experts*” criados pelos subsídios e a sua suposta audiência nunca foi consolidada nos termos em que Parsons tinha promovido.

Nas escolas de negócios, a história foi de certa maneira diferente. Nesse caso, as ideias e metodologias da sociologia, é preciso reconhecer, influíram bastante no pensamento dos professores de *management*. A sociologia também influenciou na profissão legal, desde a “jurisprudência sociológica” de princípios do século XX até o movimento dos estudos legais críticos de hoje. Contudo, os teóricos de *management* e os advogados que se inspiraram na sociologia mantiveram para si as audiências, homens de negócios e profissionais do direito, que aquelas ideias ofereceram para eles; sem que os sociólogos pudessem estabelecer um público mais ou menos estável entre aqueles estratos. A dependência constante que é possível enxergar entre medicina e bioquímica esteve longe de ser estabelecida nesses dois casos.

Por sua vez, o impulso educador, que tinha raízes nas origens da sociologia nos Estados Unidos, não desapareceu totalmente da sociologia acadêmica. Mas as audiências amplas que no passado sustentavam os sociólogos através da compra dos seus livros ou indo nas suas palestras ou cursos têm mudado ou desaparecido. Os velhos temas dos reformistas e filantropos são agora o alvo dos programas do estado benfeitor, e esses temas produzem agora seus próprios “profissionais” fora das escolas de sociologia. Alguns poucos livros, é verdade, conseguem atingir um público numeroso, mas nenhum na escala do David Riesman nos anos 1950. Os temas dos trabalhos que atingiram maior visibilidade pública, por exemplo, a obra *Habits of the Hearts* de Robert Bellah et al. (1985), são os temas de sempre: raça e pobreza (o tema do Myrdal) ou os males do individualismo americano. Aqueles foram, com algumas variações, os temas do Riesman e dos Lynds, do Giddings ou Ely, veteranos do movimento cooperativo, e do C. J. Galpin, defensor da comunidade rural. No entanto, atualmente, a incapacidade em que são treinados os sociólogos para se comunicar com audiências mais amplas fará com que aquele tipo de êxito seja menos frequente, e pouco relevante para o “*mainstream*” da disciplina. Seja como for, a demanda por uma literatura desse tipo não é suficientemente grande para sustentar materialmente o desenvolvimento de uma disciplina acadêmica.

Apesar das reiteradas tentativas de ligar as “ciências do comportamento” com causas capazes de gerar recursos significativos, como a segurança nacional, o apoio mais consistente para a criação de uma sociologia profissional veio historicamente de pessoas que compartilhavam as preocupações sociais dos “primeiros” sociólogos, que se viam como educadores e reformistas, precisamente aqueles do que o modelo profissional do Parsons queria se distanciar. Os mais importantes atores na incorporação das ciências sociais na *National Science Foundation*, desde Harley Kilgore até Hubert Humphrey (ENGLAND, 1982, p. 54, p. 271), eram reformadores progressistas<sup>72</sup>. Por isso, é possível afirmar que, curiosamente, a sociologia profissional – tanto como o sociólogo *expert* enquanto pôde se desenvolver – foi estabelecida aproveitando o capital moral que a sociologia edificante tinha acumulado no passado. Mas agora aquele capital está esgotado e o caminho para sua recuperação está fechado. A aventura de criar uma sociologia profissional em condições de impactar além do cenário acadêmico. Um dos objetivos do modelo “profissional” era encontrar uma forma de sustentar a sociologia “científica”, oferecendo-lhe uma base segura de onde solicitar subsídios. Na medida em que a sociologia dominante que se terminou impondo não conseguiu aquela base alternativa, seus sucessos no cenário acadêmico (onde conseguiu se configurar como o “*mainstream*”, graças à exclusão dos sociólogos de velho tipo) são pírricos.

“Êxito”, é claro, é sempre um conceito ambíguo, que admite diferentes leituras. Mas algumas reflexões básicas sobre o público leitor e os agentes que podem apoiar a sociologia serão suficientes para mostrar a gravidade das restrições atuais para “solução” dos problemas da disciplina, e para mostrar a fragilidade da sua “institucionalização”. A revista de Albion Small nunca conseguiu o que ele queria: apesar da presença frequente de intelectuais reformistas e de socialistas cristãos entre seus autores, ela foi uma publicação com um público leitor muito pequeno. *Social Forces* de Odum teve uma audiência mais ampla na medida em que funcionou como uma revista de sociologia e de opinião sobre o sul e para o sul, chegando a ser reconhecida por importantes figuras como Henry Mencken

<sup>72</sup> Houve, contudo, uma exceção. Nixon, nos seus tempos como vice-presidente, apoiou a expansão das ciências sociais na National Science Foundation.

e também atacada pelos ministros fundamentalistas de Carolina do Norte. Porém, essas suas atividades não deixaram de depender do apoio generoso da *Rockefeller*.

Desse ponto de vista, os subsídios foram fundamentais na história da sociologia estadunidense: mesmo os maiores *best-sellers* da literatura sociológica, como *Middletown* (LYND; LYND, 1929) ou *The Lonely Crowd* (RIESMAN, GLAZER; DENNEY, 1950), precisaram do apoio das fundações (da *Rockefeller* e da *Carnegie*, respectivamente). A necessidade de subsídios diretos para publicar diminuiu, é verdade, com a revolução acadêmica dos anos 1950 e 1960, e a conseqüente expansão da venda para as bibliotecas. As compras das bibliotecas era um subsídio indireto para livros que não teriam sido publicados caso tivessem dependido de compradores individuais. Contudo, o incremento nos custos de edição, a maré de trabalhos publicados e a capacidade reduzida das bibliotecas para adquirir novo material têm diminuído nos últimos anos aquele subsídiosubsídio indireto. Tudo isso mostra claramente a dependência da sociologia, tal como ela está constituída atualmente, do patrocínio e dos subsídios. As alternativas para essa dependência são escassas.

O retorno ao público de um Ellwood já não é possível: o público dos protestantes liberais com preocupações sociais ou bem desapareceu, ou bem já não é mais capaz de apoiar o tipo de livros que Ellwood escrevia. Além disso, as condições em que a sociologia deve operar em tanta disciplina acadêmica na universidade moderna, cada vez mais orientada para os próprios pares, conspiram contra aquele tipo de produção. A distância entre aquilo que é aceito nas universidades e aquilo que é aceito pelos equivalentes contemporâneos dos “homens práticos” do Small é tão grande que somente um punhado de sociólogos pode satisfazer ambos os destinatários<sup>73</sup>; e, ao mesmo tempo, satisfazer também as expectativas e necessidades de um público formado por estudantes de graduação e pós-graduação com uma preparação deficiente.

73 *As primeiras gerações de sociólogos estadunidenses, especialmente a geração do Odum e Ogburn, figuras preocupadas pela promoção da sociologia como uma “ciência”, tinham uma solução parcial para esse problema. Eles também não pretendiam escrever “sociologia” para um público amplo. Mas, por causa disso, eles procuravam dividir suas vidas entre o trabalho como sociólogos acadêmicos e os outros papéis que viam como próprios: aqueles de militantes reformistas, figuras públicas e construtores de instituições.*

## Referências

- ALLPORT, G. **The Person in Psychology**: Selected Essays. Boston: Beacon Press, 1968.
- ALLPORT, G.; VELTFORT. The Uses of Psychology in Wartime. **Journal of Social Psychology** (S.P.S.S.I. Bulletin), v. 18, p. 165-123, 1943.
- BELLAH, R.; MADSEN, R.; SULLIVAN, W.; SWIDLER, A; TIPTON, S. **Habits of the Heart**: Individualism and Commitment in American Life. Berkeley: University of California Press, 1985.
- BERNARD, L.; BERNARD, J. [1943]. **Origins of American Sociology**: The Social Science Movement in the United States. Nova York: Russell and Russell, 1965.
- BULMER, M. **The Chicago School of Sociology**: Institutionalization, Diversity, and the Rise of Sociological Research. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- BULMER, M.; BULMER, J. Philanthropy and Social Science in the 1920's: Beardsley Ruml and the Laura Spelman Rockefeller Memorial, 1922–29. **Minerva**, v. 19, p. 347-407, 1984.
- BURAWOY, M. Por uma sociologia pública. **Política & Trabalho**, v. 25, p. 9-50, [2004] 2006.
- BUXTON, W. **Talcott Parsons and the Capitalist Nation-State**. Toronto: University of Toronto Press, 1985.
- CANNON, W. Lawrence Joseph Henderson 1878-1942. **National Academy of Sciences Biographical Memoir**. v. 3, p. 31-58, 1945.
- COLE, S. **What's Wrong with Sociology?**. New Brunswick: Transaction Publishers, 2001.
- COLLIER, P.; HOROWITZ, D. **The Rockefellers**: An American Dynasty. Nova York: Holt, Rinehart, and Winston, 1976.
- CROSS, S.; ALBURY, W. J. Henderson and the Organic Analogy. **Osiris**, n. 3, p. 165-192, 1987.
- CRUIKSHANK, J. **A Delicate Experiment**: The Harvard Business School 1908–45. Boston: Graduate School of Business Administration, Harvard University, 1987.
- DONHAM, W. **Business Adrift**. New York: Whittlesey House, McGraw-Hill, 1931.
- ELLWOOD, C. A. **Sociology and Modern Social Problems**. Nova York e Cincinnati: American Book Company, 1910.
- ELLWOOD, C. A. **Christianity and Social Science**: A Challenge to the Church. New York: Macmillan, 1923a.
- ELLWOOD, C. A. The Reconstruction of Religion: A Sociological View. Nova York: Macmillan, 1923b.
- ELLWOOD, C. A. **Man's Social Destiny in the Light of Science**. Nashville: Cokesbury, 1929.
- ELLWOOD, C. A. Emasculated Sociologies. **Social Science**, v. 8, p. 109-114, 1933.

- ELLWOOD, C. A. **A History of Social Philosophy**. Nova York: Prentice-Hall, 1938.
- ENGLAND, J. **A Patron for Pure Science: The National Science Foundation's Formative Years, 1945–57**. Washington, DC: National Science Foundation, 1982.
- FOSKETT, J. The Frame of Reference of Ward's Dynamic Sociology. **Washington State University Research Studies**, v. 17, p. 35-40, 1949.
- GAITHER, R. **Report of the Study for the Ford Foundation on Policy and Program**. Detroit: Ford Foundation, 1949.
- GALPIN, C. **Rural Life**. Nova York: Century, 1920.
- GEIGER, R. **To Advance Knowledge: The Growth of American Research Universities, 1900–1940**. Nova York: Oxford University Press, 1946.
- GIDDINGS, F. **The Scientific Study of Human Society**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1924
- GOULDNER, A. **The Coming Crisis of Western Sociology**. Nova York: Basic Books, 1970.
- HOROWITZ, I. **The Decomposition of Sociology**. Nova York: Oxford University Press, 1993.
- HENDERSON, L. Statement to Rockefeller Foundation. Henderson Papers, Box 19, File 22, 1938.
- HYNEMAN, C. S. The Army's Civil Affairs Training Program. *American Political Science Review*, 38, p. 342-353, 1944.
- JACOBY, R. **The Last Intellectuals: American Culture in the Age of Academe**. Nova York: Basic Books, 1987.
- KOHLER, R. A Policy for the Advancement of Science: The Rockefeller Foundation, 1924–29. **Minerva**, v. 16, n. 4, p. 480-515, 1976.
- LANSING, A. He Built a Bridge from Science to Everyday Life. **Saturday Review**, v. 39, p. 42-43, 1956.
- LUNDBERG, G. **Can Science Save Us?**, Nova York: Longmans; Green, 1946.
- LYND, R.; LYND, H. **Middletown: A Study in American Culture**. Nova York: Harcourt, Brace, 1929.
- MERTON, R.; LERNER, D. Social Scientists and Research Policy. *In*: LERNER, D.; LASSWELL, H. (Ed.). **The Policy Sciences**. Stanford: Stanford University Press, 1951. p. 282-307.
- MOORE, B. **Terror and Progress-USSR**. Nova York: Harper and Row, [1954] 1966.
- MYRDAL, G. **An American Dilemma: the Negro Problem and Modern Democracy**. Nova York: Harper, 1944.
- OGBURN, W. (Ed.). **Recent Social Trends in the United States: Report of the President's Committee on Social Trends**. Nova York: McGraw-Hill, 1933.

PARSONS, T. Some Problems Confronting Sociology as a Profession: Reports and Opinion. **American Sociological Review**, v. 24, p. 547-559, 1959.

PARSONS, T. [1942] Propaganda and Social Control. *In*: PARSONS, T. **Essays in Sociological Theory**, Nova York: Free Press, 1964. p. 142-176.

PARSONS, T. [1945] The Problem of Controlled Institutional Change. *In*: PARSONS, T. **Essays in Sociological Theory**. Nova York: Free Press, 1964. p. 238-274.

PARSONS, T. [1951]. **The Social System**. Nova York: Free Press, 1964.

PARSONS, T. **Politics and Social Structure**. Nova York: Free Press, 1969.

PARSONS, T. On Building Social Systems Theory: A Personal History. **Daedalus**, v. 99, n. 4, p. 826-881, 1970.

ROSS, F. **School Attendance in 1920**. Washington, DC: Government Printing Office, 1924.

RIESMAN, D.; GLAZER, N.; DENNEY, R. **The Lonely Crowd**. New Haven: Yale University Press, 1950.

SMALL, A. The Era of Sociology. **American Journal of Sociology**, n. 1, p. 1-15, 1895.

SMALL, A.; VINCENT, G. **An Introduction to the Study of Society**. New York: American Book Company, 1894.

SOCIAL SCIENCE RESEARCH COUNCIL. **Decennial Report: 1923–1933**. Nova York: Social Science Research Council, 1933.

TURNER, S. The Survey in Nineteenth-Century American Geology: The Evolution of a Form of Patronage. **Minerva**, v. 25, n. 3, p. 282-330, 1987.

TURNER, S. A life in the First Half-Century of Sociology: Charles Ellwood and the Division of Sociology. *In*: CALHOUN, C. (Ed.). **Sociology in America**. A History. Chicago: University of Chicago Press, 2007. p.?

TURNER, S. **American Sociology: from Pre-Disciplinary to Post-Normal**. Palgrave Macmillan, 2014a.

TURNER, S. The Pittsburg Survey and the Survey Movement: An Episode in the History of Expertise. *In*: TURNER, S. **The Politics of Expertise**, Nova York: Routledge, 2014b. p?

TURNER, S.; TURNER, J. **The Impossible Science**. An Institutional Analysis of American Sociology. Londres: Sage, 1990.

WOOFTER JR., T. J. **Negro Migration: Changes in Rural Organization and Population of the Cotton Belt**. Nova York: W. D. Gray, 1920.

ZNANIECKI, F. **The Social Role of the Man of Knowledge**. Nova York: Octagon Books, 1965.